

A FORMA DA VOZ: DANDO VOZ ÀS CONCEPÇÕES SOBRE BULLYING ENTRE ADOLESCENTES, ATRAVÉS DA INFLUÊNCIA DA ANIMAÇÃO 'A VOZ DO SILÊNCIO'

THE FORM OF THE VOICE: GIVING VOICE TO CONCEPTS ABOUT BULLYING AMONG ADOLESCENTS, THROUGH THE INFLUENCE OF THE ANIMATION 'THE VOICE OF SILENCE'

Lisiane Rodrigues da Silva¹

RESUMO

O bullying é uma questão amplamente debatida devido aos seus impactos na saúde mental e no desenvolvimento de adolescentes, sendo crucial abordar o tema por meio de estratégias educativas. Este estudo investigou as mudanças nas percepções de adolescentes sobre bullying e inclusão escolar, comparando o impacto de duas intervenções psicoeducativas: a animação *A Voz do Silêncio* e uma cartilha educativa sobre bullying. Participaram da pesquisa 18 adolescentes, de 14 a 18 anos, divididos em dois grupos: um exposto à animação e outro à cartilha. A metodologia qualitativa incluiu questionários pré e pós-intervenção e rodas de conversa, com análise de conteúdo como método de análise de dados. Os resultados indicaram que a animação gerou maior envolvimento emocional, promovendo reflexões mais profundas e mudanças comportamentais, enquanto a cartilha consolida conhecimentos, mas teve impacto emocional limitado. Conclui-se que intervenções que combinam apelo emocional e informativo têm maior potencial para sensibilizar adolescentes sobre o bullying, sugerindo a integração de diferentes abordagens educativas no ambiente escolar.

Palavras-chave: adolescentes; método qualitativo; psicologia escolar; bullying.

ABSTRACT

Bullying is a widely debated issue due to its impacts on mental health and adolescent development, and it is crucial to address the issue through educational strategies. This study investigated changes in adolescents' perceptions about bullying and school inclusion, comparing the impact of two psychoeducational interventions: the animation *Koe no Katachi* and an educational booklet about bullying. Eighteen adolescents, aged 14 to 18, participated in the research, divided into two groups: one exposed to the animation and the other to the booklet. The qualitative methodology included pre- and post-intervention questionnaires and discussion groups, with content analysis as the data analysis method. The results indicated that the animation generated greater emotional involvement, promoting deeper reflections and behavioral changes, while the booklet consolidated knowledge, but had limited emotional impact. It is concluded that interventions that support emotional and informative appeal have greater potential to raise adolescents' awareness about bullying, providing the integration of different educational approaches in the school environment.

¹ Discente do Curso de Psicologia da Universidade La Salle - Unilasalle, matriculado na disciplina de Trabalho de Conclusão, sob a orientação do Prof. Dr. Gibson Juliano Weydmann. E-mail: lisiane.201910119@unilasalle.edu.br. Data de entrega: 28 nov. 2024.

Keywords: adolescents; qualitative method; school psychology; bullying.

1 INTRODUÇÃO

O bullying é uma questão cada vez mais presente nas discussões sobre o ambiente escolar, especialmente devido às consequências negativas que gera para a saúde mental e o desenvolvimento emocional dos adolescentes (Neufeld, 2017). Definido como um comportamento agressivo e repetitivo, o bullying envolve um desequilíbrio de poder entre o agressor e a vítima, causando danos psicológicos, sociais e em casos extremos, podendo levar ao suicídio (Costa e Miranda, 2020). O bullying é um fator de risco para transtornos mentais como depressão, ansiedade e baixa autoestima. Suas consequências afetam não apenas a vítima, mas também o clima escolar.

Estudos apontam que as vítimas de bullying estão mais suscetíveis a desenvolver transtornos de saúde mental, como ansiedade, depressão, retraimento social, e em casos graves, autolesão (Neufeld, 2017). Além disso, os perpetradores desse comportamento também enfrentam consequências psicológicas, com maior predisposição ao alcoolismo e outros comportamentos de risco. Esses dados reforçam a complexidade do problema e a necessidade de intervenções que visem não apenas a prevenção, mas também o suporte psicológico e social para todas as partes envolvidas.

O Anuário Brasileiro de Segurança Pública de 2023 traz à tona dados alarmantes sobre o bullying e a violência no ambiente escolar brasileiro, reforçando a urgência de iniciativas educativas e preventivas. Segundo dados da Prova Brasil de 2021, o bullying foi relatado em 37,6% das escolas do país. Estados como Santa Catarina, Distrito Federal e São Paulo apresentaram os índices mais elevados, com 60,2%, 51,7% e 50,6%, respectivamente. Em outras regiões, incluindo Espírito Santo, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Paraná e Rio Grande do Sul, mais de 46% das escolas também reportaram casos de bullying. Esse comportamento agressivo, além de afetar diretamente o bem-estar das vítimas, afeta o clima escolar e a qualidade de vida de todos os envolvidos.

A percepção dos diretores escolares também revela um ambiente desafiador: 15,5% relataram casos de discriminação dentro da comunidade escolar, com destaque para o Distrito Federal e Santa Catarina, onde as taxas de ocorrência chegam a 25,1% e 23,8%, respectivamente (Anuário Brasileiro de Segurança Pública, 2023). Diante desse cenário, muitas escolas têm adotado medidas preventivas. Aproximadamente 70,2% das instituições de ensino fundamental e médio no Brasil já implementaram projetos focados na prevenção e enfrentamento ao bullying, indicando uma mobilização das escolas em resposta ao problema crescente.

Esses dados do Anuário Brasileiro de Segurança Pública reforçam a necessidade de novas práticas educativas e estratégias psicoeducacionais. Iniciativas que envolvem o uso de mídias como a animação e outros recursos lúdicos têm o potencial de abordar o tema do bullying de forma acessível e impactante, promovendo um ambiente escolar mais seguro e acolhedor para todos os estudantes.

A integração entre psicologia e educação é fundamental para criar um ambiente escolar que não apenas favoreça o aprendizado, mas também promova a saúde mental e emocional dos estudantes. A presença de psicólogos nas escolas é

essencial para mediar relações, promover a reflexão crítica e desconstruir preconceitos, contribuindo para a formação de um ambiente mais inclusivo e acolhedor (Zanelatto, 2019). Essas intervenções são essenciais para a construção de um ambiente escolar onde todos os estudantes se sintam valorizados e respeitados.

A presente pesquisa utiliza a animação *A Voz do Silêncio*® (Koe no Katachi®) como uma ferramenta de intervenção educativa no contexto escolar. De acordo com conceito “cultura da convergência”, desenvolvido por Henry Jenkins (2008) norte-americano estudioso dos meios de comunicação, propõe que, na era digital, as mídias não existem isoladamente, mas estão interconectadas, permitindo uma interação constante entre diferentes formas de conteúdo e os públicos. Nesse contexto, os consumidores de mídias não são mais apenas receptores passivos de mensagens, mas se tornam participantes ativos, que interpretam, compartilham e criam novos significados a partir das narrativas. Ao se engajar com um anime como *A Voz do Silêncio*®, os adolescentes podem absorver o conteúdo e ressignificar, discutir e adaptar as experiências ligadas ao bullying. Assim, o anime, como produto da cultura da convergência, facilita uma imersão mais profunda, permitindo que o público reinterprete suas experiências e as do próprio conteúdo de maneira coletiva, ampliando seu impacto psicoeducativo.

Este processo de engajamento ativo está diretamente ligado à ideia de “texto coletivo” de Eiji Ōtsuka (2010), que vê os animes como espaços narrativos abertos, onde a audiência não é apenas consumidora, mas parte essencial na construção e ressignificação do significado da obra. Quando os adolescentes assistem a um anime e participam de atividades reflexivas, eles não apenas discutem o conteúdo, mas também o recontextualizam de acordo com suas próprias vivências, contribuindo para um ciclo contínuo de construção de conhecimento.

Além de ser uma mídia amplamente consumida por adolescentes, *A Voz do Silêncio*® tem a capacidade de transmitir mensagens profundas de forma envolvente, apelando tanto ao emocional quanto ao cognitivo dos jovens. Weschenfelder, Fradkin e Yunes (2015) descrevem que personagens como super-heróis podem ser usados em intervenções psicoeducacionais como modelos de superação, inspirando crianças e adolescentes a enfrentarem suas próprias adversidades. De maneira semelhante, *A Voz do Silêncio*® aborda temas como o bullying, a exclusão social e a superação de traumas emocionais, representando um recurso lúdico e reflexivo para tratar desses assuntos. Dessa forma, o uso de uma animação como essa permite não apenas captar a atenção dos adolescentes, mas também promover uma discussão significativa sobre o impacto dessas questões no ambiente escolar e nas relações interpessoais.

O psicólogo russo Lev Vygotsky (1962/1934), destaca a aprendizagem como um processo que ocorre através das interações sociais, sendo o desenvolvimento cognitivo fortemente afetado pelas relações sociais e pelo ambiente cultural em que a criança vive. Portanto, assume-se que crianças e adolescentes podem assimilar novos conteúdos sobre bullying ou tópicos emergentes após a interação com meios de comunicação que permitam o acesso a demandas sociais. Segundo Viana e Francischini (2016):

“Para Vygotsky (1988), a vivência em sociedade é essencial para a transformação do homem de ser biológico em ser humano. De acordo com o autor, é no processo de aprendizagem, nas relações com os outros que se dá a construção dos conhecimentos que permitem o desenvolvimento mental. Vygotsky (1991) parte do entendimento de que o ser humano se

constitui como tal mediante as relações sociais, históricas e culturais, e esse estabelece a aprendizagem como o eixo dessas relações, admitindo ser esta que, em certas circunstâncias, promove o desenvolvimento.” (p. 116)

De tal forma as narrativas midiáticas podem funcionar como ferramentas culturais e podem mediar a aprendizagem e promover a internalização de valores sociais importantes. Neves e Damiani (2006), ao falar sobre a teoria Vygotsky, afirmam que as ferramentas culturais, incluindo a linguagem e outras formas de comunicação simbólica, são essenciais para o desenvolvimento do pensamento e da consciência.

As mídias, “representam várias facetas da vida humana e são criadas a partir da imaginação humana” (Silva, 2021). São, portanto, narrativas que possuem o potencial de capturar a atenção dos jovens e transmitir mensagens complexas de forma acessível e envolvente. Quando utilizadas de forma estratégica, podem servir como uma poderosa ferramenta de psicoeducação que:

“auxilia o indivíduo a desenvolver pensamentos, ideias e reflexões sobre as pessoas, sobre o mundo, e sobre como se comportar diante de certas situações, tanto nas intervenções individuais como nas coletivas, desenvolvendo habilidades sociais.” (Oliveira, P. e colegas 2021, p. 24).

A importância deste estudo reside na necessidade de explorar novas formas de trabalhar o bullying e a inclusão dentro das escolas, utilizando-se de abordagens que sejam mais próximas da realidade dos adolescentes. As campanhas tradicionais, como palestras e cartilhas, embora eficazes em muitos contextos, podem não despertar o mesmo nível de envolvimento emocional que uma narrativa audiovisual. Estudos na área de psicologia educacional têm demonstrado que o uso de materiais lúdicos e emocionais pode aumentar a retenção de informações e facilitar a internalização de valores importantes, como a empatia e o respeito ao próximo.

A adolescência, por ser um período de transição e intensas mudanças emocionais e sociais, é uma fase em que os jovens são particularmente vulneráveis às pressões externas, incluindo as dinâmicas de poder e exclusão que caracterizam o bullying (Papalia e Martorell, 2022). Ao mesmo tempo, é uma fase de formação de identidade e de valores, o que torna crucial que intervenções educativas sejam realizadas de forma a sensibilizar os adolescentes sobre a importância do respeito e da inclusão. Assim, o presente projeto busca preencher essa lacuna, comparando a efetividade da animação *A Voz do Silêncio*® com uma cartilha educativa tradicional, a fim de verificar qual abordagem promove maior conscientização e mudanças nas atitudes dos adolescentes.

Este estudo justifica-se pela necessidade de encontrar abordagens pedagógicas que dialoguem diretamente com o público adolescente, utilizando-se de ferramentas que já fazem parte de seu cotidiano, como as animações. Além disso, ao incluir rodas de conversa após a exibição do filme, pretende-se criar um espaço seguro para que os jovens expressem suas reflexões, dúvidas e experiências pessoais, fortalecendo ainda mais a internalização dos conceitos abordados.

A pesquisa foi realizada com adolescentes de 14 a 18 anos, divididos em dois grupos: o Grupo I, que assistiu à animação, e o Grupo II, que trabalhou com a cartilha educativa. Ambos os grupos serão submetidos a questionários antes e depois das atividades, permitindo a análise das mudanças em suas percepções e atitudes. A metodologia qualitativa adotada permitiu uma exploração mais detalhada

e profunda das percepções dos participantes. Ao investigar as respostas emocionais e reflexivas dos adolescentes, espera-se entender de que forma o filme e a cartilha impactam sua visão sobre o bullying e a inclusão. Espera-se fornecer subsídios para que educadores, psicólogos e demais profissionais da área possam utilizar essas ferramentas em suas práticas pedagógicas, promovendo um ambiente escolar mais saudável e acolhedor para todos os alunos.

2 MÉTODO

2.1 Delineamento

A presente pesquisa é de natureza qualitativa e de caráter comparativo. O estudo utiliza de uma abordagem exploratória, buscando entender como adolescentes interpretam e são impactados por narrativas midiáticas, como a animação *A Voz do Silêncio*®, em relação ao tema bullying, e comparando a efetividade dessa abordagem com outro método psicoeducativo, a cartilha. A pesquisa exploratória foi considerada apropriada para este estudo, proporcionando maior familiaridade com o problema, ajudando a tornar as questões mais explícitas e a desenvolver hipóteses sobre as diferenças na efetividade entre os métodos (Gil, 2002). Essa escolha de delineamento justificou-se pela necessidade de captar tanto a profundidade das experiências individuais dos estudantes quanto padrões mais amplos nas percepções coletivas, com flexibilidade para explorar aspectos diversos do fenômeno estudado.

Os participantes foram divididos em dois grupos, cada um submetido a um método distinto de intervenção educativa. O primeiro grupo (Grupo I) foi exposto à animação *A Voz do Silêncio*®, com o objetivo de analisar o impacto emocional e reflexivo gerado pela narrativa audiovisual. O segundo grupo (Grupo II), por sua vez, foi exposto a uma cartilha educativa sobre bullying, com o intuito de compreender o impacto do material escrito e das atividades reflexivas que o acompanham.

2.2 Participantes da pesquisa

A pesquisa foi realizada na Associação Lar Professora Nancy (ALPN), frequentada por adolescentes de 14 a 18 anos em turno inverso ao escolar. Participaram da pesquisa estudantes que manifestaram interesse em participar e tiveram disponibilidade. A seleção dos participantes foi feita com base na aprovação dos responsáveis, que assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). O projeto foi apresentado à ALPN para obter a aprovação da coordenação e alinhar as datas. Não foram incluídos educadores ou demais funcionários da instituição como objeto de estudo, sendo o foco exclusivo nos estudantes e suas percepções sobre as temáticas abordadas pela pesquisa.

Optou-se pelo método de conveniência para determinar a amostragem, selecionando os participantes com base em sua disponibilidade e disposição. Essa abordagem é comum quando o pesquisador não tem acesso a uma lista completa da população ou onde a participação voluntária é um fator-chave. Com o intuito de não sobrecarregar as instituições participantes, foi estabelecido um ponto de corte de dez participantes por grupo. Caso a análise indutiva de dados não indicasse repetições nos temas apresentados pelos adolescentes, a amostra seria aumentada

visando o critério de saturação. Este critério foi atingido quando novas observações deixaram de agregar informações significativas (Gil, 2002).

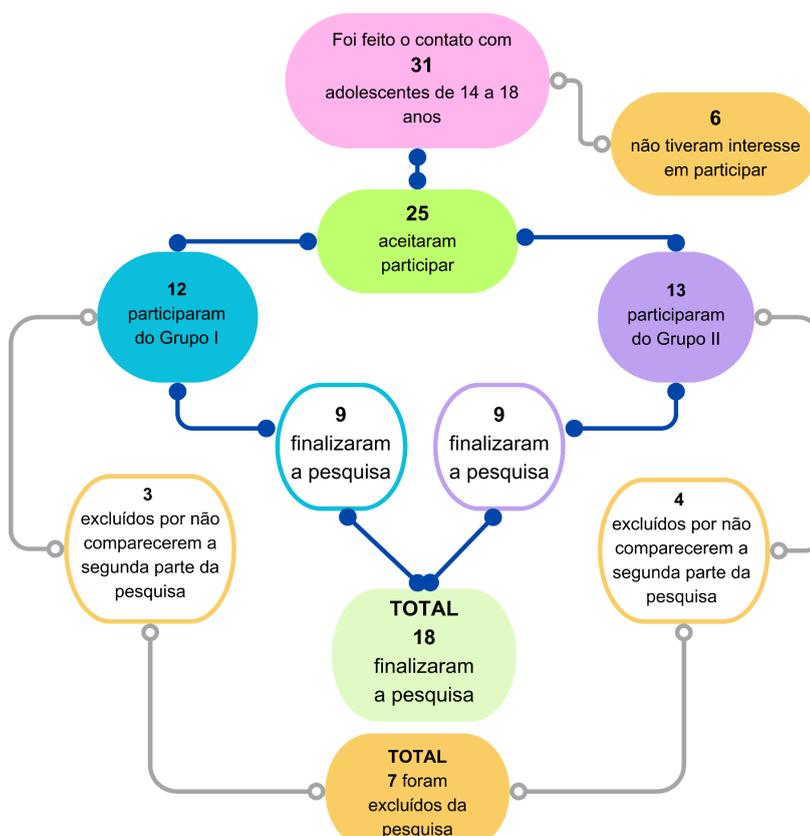
Os critérios de inclusão adotados foram: Adolescentes entre 14 e 18 anos, matriculados em escolas do município de Canoas, com interesse e disponibilidade para participar das atividades do estudo. A inclusão foi formalizada mediante a assinatura do TCLE pelos responsáveis e do Termo de Assentimento pelos próprios adolescentes, garantindo ciência dos objetivos, procedimentos e possíveis riscos da pesquisa. A participação foi permitida apenas após a aprovação dos responsáveis.

Foram excluídos aqueles que não manifestaram interesse, se sentiram desconfortáveis com as temáticas, não obtiveram aprovação dos responsáveis, não assinaram o TCLE ou o Termo de Assentimento, ou que, em qualquer momento, optaram por desistir.

Dos $n=31$ adolescentes inicialmente contatados, $n=6$ demonstraram desinteresse, resultando em $n=25$ participantes no estudo. Após exclusões por ausência, cada grupo finalizou com $n=9$ integrantes. Os participantes foram divididos em dois grupos, conforme suas disponibilidades de horário: o Grupo I, composto por $n=12$ participantes, e o Grupo II, com $n=13$ participantes. Ambos os grupos finalizaram com $n=9$ participantes cada, totalizando $n=18$ participantes na pesquisa. No Grupo I, $n=3$ participantes foram excluídos por não comparecerem à segunda parte da pesquisa, e no Grupo II, $n=4$ participantes foram excluídos pelo mesmo motivo, resultando em um total de $n=7$ exclusões/desistências. O fluxograma desse processo pode ser visualizado na Figura 1.

Figura 1 - Fluxograma da seleção dos participantes.

Fluxograma seleção de participantes:



Fonte: A autora.

2.3 Instrumentos

Os dados foram coletados antes e após as intervenções para comparar as mudanças nas percepções. Os questionários foram elaborados com base em revisão bibliográfica prévia, visando algum nível de pertinência e validade das perguntas. As perguntas foram elaboradas de forma simples e clara, visando facilitar a compreensão por parte dos adolescentes de 14 a 18 anos, público-alvo da pesquisa. A formulação das perguntas considerou a necessidade de promover reflexões diretas sobre o tema, evitando termos técnicos ou complexos que pudessem dificultar o entendimento pelos adolescentes. Dessa forma, os questionários foram projetados para coletar dados de forma eficiente e acessível, alinhados aos objetivos da pesquisa.

O Questionário I, aplicado antes das intervenções, buscou mapear os conhecimentos prévios e as percepções dos participantes sobre bullying tendo duas perguntas centrais: “O que você entende como bullying?” e “Como você se sente quando ouve falar de casos de bullying na escola?”. Já o Questionário II, aplicado após as intervenções, teve como objetivo identificar possíveis mudanças nessas percepções e compreender o impacto das atividades realizadas, seja com o filme ou com a cartilha educativa, apresentando três perguntas centrais: “Como sua percepção sobre o bullying mudou? Como está a sua percepção sobre o tópico do bullying nesse momento?”. “Você percebeu alguma mudança na forma que interage com colegas que possam ser vítimas de bullying? Se sim, descreva.”, “Como você acredita que a escola pode melhorar suas práticas para lidar com o bullying?”. A exibição do filme e a aplicação da cartilha ocorreram em ambiente controlado, e as rodas de conversa foram mediadas por profissionais capacitados para lidar com temas sensíveis, assegurando um ambiente seguro e respeitoso.

2.4 Procedimentos

O projeto foi submetido ao CEP da Universidade La Salle Canoas para avaliação e aprovação, e a coleta de dados iniciou-se apenas após essa aprovação, conforme Resolução n. 466 de 12 de dezembro de 2012. A identidade dos participantes foi protegida por pseudônimos e os dados pessoais mantidos em sigilo.

A coleta de dados foi realizada de forma estruturada, com questionários aplicados antes e após a intervenção educativa. O estudo foi conduzido na Associação Lar Professora Nancy, com estudantes entre 14 e 18 anos no período de 17 de outubro a 14 de novembro de 2024.

Inicialmente, a Associação Lar Professora Nancy foi contactada para a apresentação do projeto de pesquisa à coordenação. Após a apresentação, solicitou-se a aprovação e alinhamento das datas para a realização das atividades.

Com a aprovação da ALPN, os estudantes entre 14 e 18 anos foram informados sobre os objetivos e a relevância da pesquisa. Aqueles que manifestaram interesse em participar assinaram, juntamente com seus responsáveis, o TCLE e o Termo de Assentimento.

Os adolescentes foram divididos em dois grupos de intervenção, o Grupo I trabalhou com a animação e o Grupo II com a cartilha. Ambos os grupos passaram por dois encontros, sendo o primeiro com duração de duas horas e quinze minutos e o segundo de trinta minutos, com intervalo de três a sete dias entre os encontros, mantendo-se a estrutura para garantir comparabilidade entre os métodos.

No primeiro encontro do Grupo I, com duração de duas horas e quinze minutos, foi aplicado o Questionário I - Grupo I (Apêndice C), para avaliar as percepções e conhecimentos prévios sobre bullying. Em seguida, os participantes assistiram à animação *A Voz do Silêncio*®, que constituiu a intervenção. O segundo encontro, com trinta minutos de duração, foi dedicado a uma roda de conversa, onde os participantes discutiram as temáticas abordadas no filme. Para finalizar, foi aplicado o Questionário II - Grupo I (Apêndice D), com o objetivo de avaliar as mudanças nas percepções após a exibição e o debate.

Em relação ao Grupo II, que trabalhou com a cartilha educativa sobre bullying, o primeiro encontro também teve duração de duas horas e quinze minutos, quando foi aplicado o Questionário I - Grupo II (Apêndice E). A intervenção consistiu em uma introdução ao tema, seguida da leitura coletiva da cartilha (Apêndice G). No segundo encontro, de trinta minutos, realizou-se uma roda de conversa para discutir as questões apresentadas na cartilha. Ao término, foi aplicado o Questionário II - Grupo II (Apêndice F), para avaliar as mudanças nas percepções após a leitura e reflexão sobre o material.

2.4.1 Filme

O anime *A Voz do Silêncio*® (*Koe no Katachi*®, 2016), adaptado do mangá de Yoshitoki Ōima, aborda temas sensíveis como bullying, inclusão e saúde mental. A história acompanha Shoya Ishida, que, na infância, liderou atos de bullying contra Shoko Nishimiya, uma colega surda. A exclusão de Shoko reflete a falta de acolhimento às pessoas com deficiência em contextos escolares, revelando barreiras comunicacionais e sociais enfrentadas por ela. Anos depois, consumido pela culpa, Shoya busca redenção ao tentar reparar os danos que causou. O filme critica o papel negligente das instituições na perpetuação do bullying e ressalta a necessidade de escolas inclusivas. A trama explora o impacto do bullying em vítimas e agressores. Shoko enfrenta isolamento e sofrimento, enquanto Shoya, ao ser excluído posteriormente, vivencia arrependimento e isolamento social. O filme aborda o ciclo de exclusão e a complexidade das dinâmicas de grupo, destacando a indiferença dos adultos e colegas como fator perpetuador. Mais que entretenimento, *A Voz do Silêncio*® promove reflexões sobre empatia, reconciliação e inclusão, mostrando como a arte pode inspirar mudanças sociais e fomentar debates sobre saúde mental e convivência escolar.

2.4.2 Cartilha

A cartilha psicoeducativa "Bullying: Um Problema Real, Não Uma Brincadeira" foi elaborada como parte integrante do Trabalho de Conclusão de Curso em Psicologia, com o objetivo de abordar de forma acessível e educativa os principais conceitos, tipos e impactos do bullying. Sua criação foi fundamentada em uma revisão teórica detalhada sobre cartilhas de psicoeducação e bullying, utilizando materiais de órgãos como o Conselho Federal e os Conselhos Regionais de Psicologia, o Ministério da Educação e secretarias de educação. Esses recursos garantiram a relevância do conteúdo, que foi direcionado a adolescentes de 14 a 18 anos, utilizando uma linguagem clara e exemplos práticos. O material foi estruturado em capítulos que explicam o conceito de bullying, descrevem seus diferentes tipos, destacam os papéis de vítimas, agressores e testemunhas, e analisam as consequências para todos os envolvidos. Além disso, a cartilha apresentou

estratégias práticas de prevenção e orientações para lidar com casos de bullying, incentivando a empatia e o respeito no ambiente escolar. Para engajar o público-alvo, utilizou-se de recursos visuais como gráficos, ilustrações e quadros explicativos, tornando a experiência educativa mais atrativa e impactante. A cartilha foi utilizada como uma das ferramentas de intervenção no projeto, complementando reflexões sobre o tema e promovendo discussões entre os participantes.

2.5 Análise de Dados

Os dados obtidos por meio dos questionários foram analisados qualitativamente, com o objetivo de proporcionar uma visão abrangente das percepções dos participantes sobre bullying, utilizando o método de Análise de Conteúdo conforme Bardin (1977/2016). As respostas dos Grupos I e II foram analisadas separadamente, permitindo a identificação e comparação das categorias criadas para verificar possíveis mudanças nas percepções dos participantes ao longo do estudo. Esse processo foi conduzido em etapas bem definidas, garantindo rigor metodológico e organização dos dados.

Na pré-análise, foi realizada a leitura flutuante das respostas para uma compreensão inicial e a constituição do corpus, assegurando que o material selecionado atendesse critérios como exaustividade, representatividade e pertinência. Durante essa etapa, foram formulados os objetivos e hipóteses da análise, como investigar mudanças nas percepções dos participantes sobre bullying e inclusão escolar, bem como avaliar a efetividade da intervenção proposta. Essa etapa inicial preparou o material para as fases seguintes, garantindo alinhamento com os objetivos da pesquisa.

A etapa de codificação consistiu no recorte dos dados em Unidades de Registro, que serviram como uma simplificação das respostas dos participantes. Essas unidades, compostas por palavras, frases ou temas representativos, foram transformadas em códigos que sintetizaram os conteúdos mais relevantes. Esses códigos foram fundamentais para estruturar o processo de análise, pois serviram como base para a criação das categorias temáticas.

Na etapa de categorização, os códigos gerados foram agrupados em categorias temáticas, organizadas de forma lógica para refletir padrões emergentes e ideias principais. Durante esse processo, foram considerados critérios como exclusão mútua, homogeneidade, pertinência e objetividade, assegurando que as categorias fossem consistentes e relevantes.

Durante a etapa de interpretação, os dados foram analisados inferencialmente, buscando compreender os significados subjacentes às categorias e padrões identificados. Essa fase permitiu a elaboração de conclusões fundamentadas sobre as percepções dos participantes em relação ao bullying e o impacto da intervenção proposta. As análises foram realizadas com o software Excel (Microsoft Windows®).

3 RESULTADOS

3.2 Análises descritivas

O Grupo I foi composto por n=9 adolescentes, sendo n=4 com 14 anos, n=2 com 16 anos, n=1 com 17 anos e n=1 com 18 anos. Desses, n=5 eram do sexo feminino e n=4 do sexo masculino. Em relação ao ano escolar, n=4 alunos estavam

matriculados no 8º ano do Ensino Fundamental, n=3 no 9º ano do Ensino Fundamental, n=1 no 3º ano do Ensino Médio e n=1 no EJA (Educação de Jovens e Adultos). A distribuição dos participantes pode ser visualizada na Figura 2.

Figura 2 - Descrição dos participantes do Grupo I.



Fonte: A autora.

Já o Grupo II foi composto por 9 adolescentes, sendo n=2 com 14 anos, n=2 com 15 anos, n=1 com 17 anos e n=2 com 18 anos. Desses, n=3 eram do sexo feminino e n=6 do sexo masculino. Em relação ao ano escolar, n=3 estavam matriculados no 6º ano do Ensino Fundamental, n=1 no 7º ano Ensino Fundamental, n= 2 no 8º ano Ensino Fundamental, n=1 no 9º ano Ensino Fundamental, n=1 no 1º ano do Ensino Médio e 1n= no 3º ano do Ensino Médio. A distribuição dos participantes é ilustrada na Figura 3.

Figura 3 - Descrição dos participantes do Grupo II.



Fonte: A autora.

3.2 Análise de Conteúdo Pré-Intervenção, Questionário I

A fim de compreender as percepções iniciais sobre o bullying foram realizadas duas perguntas principais as quais foram analisadas separadamente em cada grupo: “O que você entende como bullying?” e “Como você se sente quando ouve falar de casos de bullying na escola?”.

No caso do Grupo I, a análise das respostas à primeira pergunta, "O que você entende como bullying?", revelou três categorias principais: Desrespeito, Agressão e Desconhecimento, conforme ilustra a Tabela 1. A categoria Desrespeito foi a mais mencionada, com n=7 respostas representando 77,7% das respostas. Ela associou o bullying a atos de intolerância e falta de aceitação, como "desrespeito ao próximo". A categoria Agressão apareceu em n=2 respostas, correspondendo a 22,2%, destacando comportamentos explícitos, como insultos e violência física, com exemplos como "zuar e xingar colegas". Por fim, a categoria Desconhecimento foi identificada em n=1 resposta, correspondendo a 11,1%, indicando dificuldade em compreender o conceito de bullying. Esses resultados sugerem que o bullying é amplamente percebido como um comportamento desrespeitoso e agressivo, mas há lacunas de entendimento que poderiam ser abordadas em intervenções futuras.

Quanto a análise das respostas à pergunta "Como você se sente quando ouve falar de casos de bullying na escola?" revelou quatro categorias principais: Empatia, Indignação, Neutralidade e Desconhecimento, conforme ilustra a Tabela 1. A categoria Empatia foi predominante, com n=5 respostas, representando 55,5%, demonstrando identificação com as vítimas e sentimentos de tristeza, como "colocação no lugar da vítima". A Indignação apareceu em n=2 respostas, correspondendo a 22,2%, refletindo reprovação intensa e sentimentos de raiva e nojo em relação aos agressores. A Neutralidade foi mencionada em n=1 resposta, correspondendo a 11,1%, indicando ausência de impacto emocional significativo. Por fim, o Desconhecimento também foi apontado em n=1 resposta, representando 11,1%, com dificuldades de compreensão do tema. Esses resultados indicam que, embora a maioria dos participantes reaja emocionalmente ao bullying, ainda há espaço para trabalhar na conscientização e empatia entre aqueles que apresentam neutralidade ou desconhecimento.

Tabela 1 - Questionário I, Grupo I

O que você entende como bullying?			
ID da Resposta	Unidade de Registro	Código	Categoria
1	Humilhar as pessoas.	Humilhação	Desrespeito
2	Desrespeito ao próximo e diversidade.	Desrespeito Intolerância	Desrespeito
3	Diminuir e menosprezar alguém diferente.	Humilhação Intolerância	Desrespeito
4	Ofender ou machucar pessoas diferentes.	Agressão verbal Agressão física Intolerância	Agressão Desrespeito
5	Conforme as suas características.	Intolerância	Desrespeito
6	Zuar e xingar colegas e amigo.s	Agressão verbal	Agressão
7	Desrespeito ao próximo.	Desrespeito	Desrespeito
8	Desrespeito com o próximo.	Desrespeito	Desrespeito

9	Não sei.	Sem compreensão	Desconhecimento
Como você se sente quando ouve falar de casos de bullying na escola?			
ID da Resposta	Unidade de Registro	Código	Categoria
1	Sentimento de tristeza pelas vítimas e sua situação.	Tristeza	Empatia
2	Reflexão sobre o sofrimento da vítima e colocação no lugar dela.	Colocação no lugar da vítima	Empatia
3	Sentimento de nojo e reprovação ao agressor.	Nojo e reprovação	Indignação
4	Compreensão do agressor e apoio às vítimas conhecidas.	Ajuda e compreensão	Empatia
5	Nada.	Indiferença	Neutralidade
6	Tristeza profunda por considerar o bullying traumático.	Tristeza	Empatia
7	Tristeza e raiva ao ouvir sobre bullying.	Raiva e tristeza	Indignação
8	Identificação com a experiência negativa de sofrer bullying.	Identificação com a vítima	Empatia
9	Não sei.	Sem compreensão	Desconhecimento

Fonte: A autora.

Para o Grupo II, a análise das respostas à pergunta "O que você entende como bullying?" revelou que a maioria das respostas, n=7 (77,7%), associa o bullying a experiências de Sofrimento, indicando uma compreensão focada nos danos emocionais e psicológicos causados às vítimas, conforme ilustrado na Tabela 2. A categoria Desrespeito, mencionada em n=7 respostas, 77,7%, reflete a percepção do bullying como um comportamento socialmente inaceitável, baseado em intolerância e falta de respeito. A Empatia, com n=1 resposta, 11,1%, sugere que algumas pessoas consideram o bullying um reflexo das condições emocionais ou sociais do agressor, ampliando a compreensão do tema. Esses resultados indicam que as percepções estão majoritariamente centradas nos impactos negativos do bullying, mas também incluem aspectos sociais e emocionais que podem ser trabalhados em intervenções para promover maior conscientização e empatia.

Diante da análise da pergunta "Como você se sente quando ouve falar de casos de bullying na escola?", as respostas mostraram quatro categorias principais: Sofrimento, Empatia, Neutralidade e Reação Agressiva, conforme a Tabela 2. A categoria Sofrimento foi a mais citada, com n=4 respostas, representando 44,4%,

expressando tristeza e sofrimento psicológico diante de casos de bullying. A Empatia, presente em n=2 respostas, correspondeu a 22,2%, destacando apoio emocional às vítimas. A Neutralidade apareceu em n=3 respostas, correspondendo a 33,3%, evidenciando indiferença ou desconexão do problema. Por fim, a Reação Agressiva foi mencionada em n=1 resposta, representando 11,11%, refletindo desconforto e reações impulsivas à situação. Esses resultados indicam a necessidade de trabalhar com aqueles que apresentam neutralidade ou reações inadequadas, promovendo maior conscientização e empatia.

Tabela 2 - Questionário I, Grupo II.

O que você entende como bullying?			
ID da Resposta	Unidade de Registro	Código	Categoria
1	Consequências psicológicas da vítima, afeta fora da escola, sofrimento psicológico e físico.	Consequências psicológicas Consequências físicas Sofrimentos	Sofrimento
2	Identificação com a experiências de sofrer bullying. Desumano, reflexo da vida de quem pratica o bullying, ou faz por que gosta.	Identificação com a vítima Desumano Reflexo da vida do praticante	Desrespeito Empatia Sofrimentos
3	É feio e deixa a pessoa mal.	Errado Consequência psicológica	Desrespeito Sofrimento
4	Ofensa a uma pessoa que sofre, pode gerar uma crise, ou depressão ou ansiedade.	Ofensa Consequências psicológicas	Desrespeito Sofrimento
5	Brincadeira de mal gosto.	Brincadeira errada	Desrespeito
6	Preconceito, gordofobia e morte.	Desrespeito Consequência	Desrespeito Sofrimento
7	Algo feio, que deixa a pessoa mal.	Errado Consequências	Desrespeito Sofrimento
8	Gordofobia é decepção	Consequências psicológicas	Sofrimento
9	Julgamento pela roupa e jeito da pessoa, como age e pelo que ela faz.	Desrespeito Intolerância	Desrespeito
Como você se sente quando ouve falar de casos de bullying na escola?			
ID da Resposta	Unidade de Registro	Código	Categoria
1	Mal, para baixo por não poder fazer nada para ajudar.	Tristeza Impotência	Sofrimento

2	Vontade de defender.	Empatia Apoio à vítima	Empatia
3	Mal pela pessoa.	Tristeza	Empatia
4	Nada.	Indiferença	Neutralidade
5	Mal.	Sofrimento psicológico	Sofrimento
6	Nada, não sou eu que sofro.	Indiferença	Neutralidade
7	Normal, como se não fosse comigo.	Indiferença	Neutralidade
8	Me sinto mal.	Sofrimento psicológico	Sofrimento
9	Desconfortável. não ia gostar, vontade de reagir com violência.	Desconforto Reação agressiva	Sofrimento Reação agressiva

Fonte: A autora.

3.3 Análise de Conteúdo Pós-Intervenção, Questionário II

A fim de perceber as mudanças de percepções sobre o bullying foram realizadas três perguntas principais as quais foram analisadas separadamente em cada grupo: “Como sua percepção sobre o bullying mudou? Como está a sua percepção sobre o tópico do bullying nesse momento?”; “Você percebeu alguma mudança na forma que interage com colegas que possam ser vítimas de bullying? Se sim, descreva.”; “Como você acredita que a escola pode melhorar suas práticas para lidar com o bullying?”.

No Grupo I a análise das respostas à pergunta “Como sua percepção sobre o bullying mudou? Como está a sua percepção sobre o tópico do bullying nesse momento?”, revelou uma diversidade de reações, com a maioria dos participantes demonstrando algum nível de reflexão sobre o tema, conforme apresentado na Tabela 3. A análise revelou que a maioria dos n=9 participantes n=7 demonstrou Mudança de Percepção, representando 77,7% das respostas. Entre esses participantes n=3 respostas (33,3%) relataram ter refletido, n=3 reconheceram os impactos do bullying para o agressores 33,3%, além de n=3, 33,3% ressaltaram a empatia com os envolvidos, quanto ao desrespeito n=1 11,1.% e n=1 o sofrimento 11,1%, n=1 participante, ou 11,11%, mantiveram uma Percepção Já Formada, afirmando que já entendiam o bullying como errado antes da intervenção. Por fim, n=1 resposta, ou 11,1%, demonstrou desconhecimento, indicando falta de clareza sobre o tema. Esses resultados sugerem que, enquanto a maioria refletiu e aprofundou sua compreensão sobre o bullying, há espaço para maior conscientização entre aqueles com percepções fixas ou desconhecimento.

Diante da perguntas “Você percebeu alguma mudança na forma que interage com colegas que possam ser vítimas de bullying? Se sim, descreva.”, pode-se perceber conforme a Tabela 3 que, a maioria das respostas n=5, representando 55,5%, indicou Mudança de Comportamento, destacando ações de empatia 22,2%, n=2 respostas, n=1 resposta refletiu sobre o tema 11,1% ação protetiva n=1, 11,1% como relatar casos à direção ou proteger as vítimas, n=1 necessidade de ações corretivas 11,1% e a realização de mediação entre agressor e vítima, n=11,

1,1%. Por outro lado, n=4 respostas, ou 44,4%, indicaram Nenhuma Mudança Percebida, com alguns participantes relatando que já adotavam comportamentos empáticos antes da intervenção ou não perceberam alterações em suas atitudes. Esses dados evidenciam avanços significativos no comportamento de parte dos participantes, enquanto outros mantêm padrões estáveis, o que reforça a necessidade de práticas contínuas de conscientização.

Analisando a pergunta “Como você acredita que a escola pode melhorar suas práticas para lidar com o bullying?”, conforme ilustrado pela Tabela 3, a categoria Educação Preventiva foi a mais mencionada, com n= 6 respostas, representando 66,6%. Os participantes sugeriram ações como palestras, cartazes e dinâmicas para conscientizar os alunos. Intervenção Psicológica apareceu em n=1 resposta, 11,11%, com sugestões de apoio emocional para vítimas e agressores. Estabelecimento de regras foi mencionado em n=2 respostas, representando 22,2%, sugerindo medidas punitivas, como suspensão. 11,1%, n=1 resposta sugere a capacitação escolar como ferramenta aos professores e trabalho colaborativo com as famílias 11,1%, n=1 respostas sugere a mediação 11,1%. Esses dados refletem uma preferência por estratégias educativas e de conscientização, complementadas por medidas disciplinares e suporte emocional.

Tabela 3 - Questionário II, Grupo I

Como sua percepção sobre o bullying mudou? Como está a sua percepção sobre o tópico do bullying nesse momento?

ID da Resposta	Unidade de Registro	Código	Categoria
1	É errado para sociedade.	Problema social	Mudança de percepção
2	Pode causar problemas mentais na vítima e no praticante, pode ser um meio de distração. As pessoas precisam se pronunciar sobre.	Reflexão Consequências	Mudança de percepção Reflexão Sofrimento
3	Continuo achando algo cruel, mostra que o agressor é inseguro.	Crueldade Insegurança do agressor	Mudança de percepção Compreensão do agressor
4	Percebi que o agressor pode estar numa situação ruim.	Empatia com o agressor	Mudança de percepção Empatia Compreensão do agressor
5	Nada, já sabia o que é bullying.	Sem mudança	Percepção já formada
6	É um problema profundo que afeta tanto a vítima quanto o agressor.	Reflexão Consequências Empatia com o agressor	Mudança de percepção Reflexão Empatia Compreensão do agressor

7	Praticar bullying não é bom.	Bullying é errado	Mudança de percepção Desrespeito
8	Antes não me importava com o sofrimento, entendo que não é legal de fazer, sendo uma forma de ofensa ao próximo. A pessoa que pratica faz para se sentir melhor.	Mudança de atitude Entendeu o impacto do bullying	Mudança de percepção Empatia Reflexão
9	Não sei.	Sem compreensão	Desconhecimento

Você percebeu alguma mudança na forma que interage com colegas que possam ser vítimas de bullying? Se sim, descreva.

ID da Resposta	Unidade de Registro	Código	Categoria
1	Falaria com a direção da escola.	Ação corretiva com autoridades escolares	Mudança de comportamento Ação corretiva
2	No meu comportamento não.	Nenhuma mudança percebida	Sem mudança percebida
3	Não, sempre agi de forma empática, prestando meu apoio à vítima.	Sem mudança significativa Empatia	Sem mudança percebida
4	Sem resposta.	Nenhuma mudança percebida	Sem mudança percebida
5	Falar com a vítima e depois com o agressor.	Intermediação Ação direta	Mudança de comportamento Intermediação
6	Demonstrar cuidado e atenção, evitando julgamentos ou comentários que possam piorar a situação.	Reflexão Empatia Acolhimento Cuidado	Mudança de comportamento Reflexão Empatia
7	Me coloco no lugar das vítimas para ajudar ela e conversar com pessoas que entendam.	Empatia Apoio à vítima	Mudança de comportamento Empatia
8	Protegeria a vítima, sei que sofrer bullying não é legal. Pedir ajuda a um adulto.	Ação protetiva Busca de ajuda externa Empatia	Mudança de comportamento Ação protetiva
9	Não	Nenhuma mudança percebida	Sem mudança percebida

Como você acredita que a escola pode melhorar suas práticas para lidar com o bullying?

ID da Resposta	Unidade de Registro	Código	Categoria
1	Promover conversas, palestras e cartazes sobre o tema.	Conversa Palestra Cartaz	Educação preventiva
2	Conversar mais com os alunos e observar seus comportamentos.	Comunicação direta	Educação preventiva
3	Aplicar punições como suspensão ou expulsão para agressores.	Punição	Regras
4	Melhorar a comunicação entre os alunos.	Interação entre estudantes	Mediação
5	Organizar palestras, criar cartazes e abordar mais o tema nas aulas.	Palestra Cartez Maior comunicação	Educação preventiva
6	Estabelecer regras com consequências para agressores e oferecer apoio psicológico para todos os envolvidos.	Regras Suporte psicológico	Intervenção Psicológica Regras
7	Incentivar os professores a falarem mais sobre bullying.	Conversas Melhor qualificação de profissionais	Educação preventiva Capacitação escolar
8	Falar e discutir o tema nas escolas, trabalho em conjunto.	Debates Estudo do tema	Educação preventiva
9	Envolver pais e responsáveis em parcerias para combater o bullying, trabalho em conjunto.	Colaboração Envolvimento familiar	Educação preventiva Colaboração familiar

Fonte: A autora.

Para o Grupo II, de acordo com a análise da pergunta “Como sua percepção sobre o bullying mudou? Como está a sua percepção sobre o tópico do bullying nesse momento?” ilustrada na Tabela 4, a maioria dos participantes, n=5 respostas, ou 55,5%, indicou uma Percepção Já Formada, relatando que suas opiniões sobre o bullying não mudaram. No entanto, n=3 respostas, ou 3,3%, demonstraram Mudança de Percepção, sendo que n=2, relatando reflexões sobre o bullying. n=1 resposta, ou 11,1%, evidenciou Desconhecimento, com dificuldade em articular uma compreensão clara do tema. Esses resultados sugerem que a maioria dos participantes manteve percepções estáveis, enquanto uma parcela significativa refletiu sobre o tema de forma mais profunda após a intervenção.

Perante a análise da segunda pergunta “Você percebeu alguma mudança na forma que interage com colegas que possam ser vítimas de bullying? Se sim, descreva.” representada na Tabela 4, as categorias. Sem Mudança Percebida foi predominante, com n=4 respostas, representando 44,4%, participantes relatando continuidade em suas interações ou dificuldade em identificar sinais e 11,1%, n=1 respostas relatou desconhecimento. Por outro lado, n=4 respostas, ou 44,4%, mostraram Mudança de Comportamento dos quais n=2 relatam aumento de empatia

22,2%, n=1 o sentimento de indignação 11,1% e n=1 ter refletido sobre o tema 11,1%. Esses resultados evidenciam a necessidade de reforçar estratégias que ajudem a transformar reflexões em ações práticas de apoio às vítimas.

Diante da análise da pergunta “Como você acredita que a escola pode melhorar suas práticas para lidar com o bullying?” ilustrada na Tabela 4, pode-se constatar que a Educação Preventiva foi a abordagem mais mencionada, com n=2 respostas, representando 22,2%, sugerindo atividades como debates, cartazes, palestras e comunicação entre alunos. Intervenção Psicológica foi apontada em n=1 resposta, ou 11,1%, com foco em suporte emocional para vítimas e agressores, ressaltando também a importância do acolhimento às vítimas n=2, 22,2%. Repressão apareceu em n=2 respostas, também representando 22,2%. Defendendo medidas disciplinares ou prevenção com presença de segurança em n=1 resposta 11,1%, além da importância da capacitação escolar e colaboração familiar, ambos com n=1 resposta cada, ou 11,1%. Esses dados mostram que os participantes valorizam ações educativas combinadas com suporte emocional e disciplina para lidar com o bullying nas escolas.

Tabela 4 - Questionário II, Grupo II

Como sua percepção sobre o bullying mudou? Como está a sua percepção sobre o tópico do bullying nesse momento?

ID da Resposta	Unidade de Registro	Código	Categoria
1	A percepção não mudou; acredita que as pessoas não se respeitam.	Sem mudança Desrespeito	Percepção já formada
2	A percepção não mudou; sempre considerou bullying algo errado.	Sem mudança Bullying é errado	Percepção já formada
3	Reconhece que pratica bullying e não consegue parar.	Dificuldade de autocontrole	Mudança de percepção Reflexão
4	Mudou bastante, faz tempo que não praticou bullying.	Reflexão Mudança no comportamento	Mudança de percepção Reflexão
5	Já tinha os conceitos bem estruturados.	Sem mudança	Percepção já formada
6	Não mudou nada.	Sem mudança	Percepção já formada
7	Não mudou nada.	Sem mudança	Percepção já formada
8	Não sei.	Sem compreensão	Desconhecimento
9	Complementou.	Mudança positiva	Mudança de percepção

Você percebeu alguma mudança na forma que interage com colegas que possam ser vítimas de bullying? Se sim, descreva.

ID da Resposta	Unidade de Registro	Código	Categoria
-----------------------	----------------------------	---------------	------------------

1	Reconhece que as vítimas passam por dificuldades emocionais e momentos difíceis.	Empatia	Mudança de comportamento Empatia
2	Não percebeu mudanças.	Nenhuma mudança percebida	Sem mudança percebida
3	Não sabe identificar se alguém não está gostando das interações.	Dificuldade em identificar sinais	Desconhecimento
4	As vítimas devem buscar apoio emocional por meio de psicólogos ou desabafos com colegas e familiares.	Sugestão de apoio emocional	Mudança de comportamento Empatia
5	Continua perguntando às pessoas se estão bem, sem mudanças específicas.	Continuidade no cuidado	Sem mudança percebida
6	Não houve mudanças percebidas.	Nenhuma mudança percebida	Sem mudança percebida
7	Não houve mudanças percebidas.	Nenhuma mudança percebida	Sem mudança percebida
8	Relata raiva em relação ao bullying com uma prima que enfrenta dificuldades físicas.	Raiva	Mudança de comportamento Indignação
9	Notou poucas mudanças em sua forma de pensar sobre o tema.	Mudança parcial	Mudança de comportamento Reflexão

Como você acredita que a escola pode melhorar suas práticas para lidar com o bullying?

ID da Resposta	Unidade de Registro	Código	Categoria
1	Melhorar a prática e incentivar os alunos a se abrirem, conversarem e criarem confiança.	Comunicação	Educação preventiva
2	Tentativa de melhorar, sem sugestão específica.	Sugestão vaga	Desconhecimento
3	Colocar polícia na escola para prevenir casos de bullying.	Medida de segurança	Prevenção
4	Ficar atento, acionar psicólogos e trabalhar com vítimas e agressores.	Apoio psicológico Atenção	Intervenção Psicológica

5	Fazer cartazes, palestras e dinâmicas para conscientizar.	Cartazes Palestras Dinâmicas	Educação preventiva
6	Conversar com alunos que sofreram bullying e punir com suspensão.	Acolhimento Punição	Acolhimento Repressão
7	Mediar conversas entre as partes e envolver os pais.	Mediação Envolvimento familiar	Mediação Colaboração familiar
8	Adicionar mais guardas na escola e valorizar os alunos.	Segurança Valorização	Repressão Acolhimento
9	Contratar pessoas mais competentes para lidar com os problemas.	Melhor qualificação de profissionais	Capacitação Escola

Fonte: A autora.

4 DISCUSSÃO

Os resultados obtidos a partir da análise dos dois grupos, nas etapas pré e pós-intervenção ofereceram importantes reflexões sobre as percepções, emoções e sugestões de práticas escolares relacionadas ao bullying. A seguir, cada uma das questões será discutida separadamente, com base nos dados comparativos.

Na etapa de pré-intervenção, ao serem questionados sobre "O que você entende como bullying?", os dados revelaram diferenças entre os grupos quanto à percepção do conceito de bullying. No Grupo I, a categoria Desrespeito foi predominante na pré-intervenção, enquanto a Agressão e o Desconhecimento apareceram em menor parcela, respectivamente. Isso reflete uma compreensão inicial limitada do bullying, focada em comportamentos verbais e agressões diretas, como destacado no estudo de Oliveira e colegas (2018), onde adolescentes frequentemente associam bullying a desrespeito e xingamentos. Francisco e Coimbra (2015) destacam que, muitas vezes, os estudantes apresentam uma visão reducionista do bullying, focando apenas nas agressões diretas, como desrespeito e violência física, sem considerar as dinâmicas sociais e culturais que envolvem o fenômeno. Essa visão fragmentada pode ser observada no Grupo I, cujas respostas indicam um entendimento superficial do bullying, com ênfase em aspectos pontuais e evidentes do comportamento agressivo. Por outro lado, o Grupo II, na pré-intervenção, associou o bullying majoritariamente ao Sofrimento, seguido por Desrespeito e Empatia. Esse dado sugere que, na pré-intervenção, o Grupo II já possuía uma compreensão do bullying centrada nas consequências emocionais para a vítima, mas ainda com uma perspectiva limitada quanto às suas causas e à dinâmica social envolvida.

Quando questionados sobre "Como você se sente quando ouve falar de casos de bullying na escola?", na etapa de pré-intervenção, as reações emocionais dos dois grupos também diferiram. No Grupo I, a Empatia foi a resposta predominante na pré-intervenção, seguida por Indignação, enquanto Neutralidade e Desconhecimento apareceram em menor parcela. Já no Grupo II, no entanto, a categoria mais mencionada foi Sofrimento, enquanto a Empatia teve uma menor representatividade, apresentando uma compreensão mais limitada, com predomínio de categorias relacionadas ao sofrimento. Neutralidade também foi elevada no

grupo, indicando que muitos participantes mantinham uma postura de indiferença em relação ao bullying.

Quanto à pergunta "Como sua percepção sobre o bullying mudou?", realizada na pós-intervenção, observou-se que o impacto foi mais intenso no Grupo I, onde a maioria dos participantes relataram mudanças na percepção, com ênfase em Reflexão, Impacto nos Agressores e Empatia. Esse resultado reforça a capacidade das narrativas audiovisuais de ampliar o entendimento do bullying e estimular novas percepções (Jenkins, 2008). Seguindo uma perspectiva vygotskyana (1934/2005), é possível assumir que o aprendizado profundo pode ter ocorrido por meio da mediação social e cultural trazida pelo o filme, pois esta intervenção ofereceu experiências potencialmente imersivas e emocionais.

Já o Grupo II apresentou uma maior proporção de Percepção Já Formada, indicando que a maioria dos participantes já tinha opiniões estabelecidas sobre o bullying antes da intervenção. Poucos participantes demonstraram mudança de percepção, com um foco em Reflexão. Observou-se um equilíbrio maior nas percepções, sugerindo que a cartilha educativa ampliou a visão do grupo, embora de forma mais moderada do que a intervenção audiovisual no Grupo I. Isso corrobora a observação de Oliveira e colegas (2018), que argumentam que materiais escritos, embora eficazes em reforçar conhecimentos, têm um impacto emocional mais limitado quando comparados a recursos audiovisuais.

Esses resultados sugerem que o Grupo I foi mais impactado pela intervenção, ampliando sua visão sobre o bullying, enquanto o Grupo II, apesar de mostrar uma leve ampliação em sua percepção, manteve um entendimento mais estável e consolidado sobre o bullying, possivelmente devido à natureza da intervenção. Nesse sentido, a cartilha funcionou como um mediador de valores e informações, mas não teve o mesmo poder de transformação que o filme. A teoria de Vygotsky (1934/2005) também pode ser aplicada aqui, pois ela sugere que ferramentas culturais como o filme promovem a construção de um conhecimento mais completo, enquanto materiais didáticos escritos podem ser mais eficazes em reforçar e consolidar o conhecimento já pré-existente. Reforçando a necessidade de complementar materiais educativos com atividades interativas, como rodas de conversa ou discussões mediadas, alinhando-se a importância da aprendizagem mediada para o desenvolvimento cognitivo e emocional.

Em relação à pergunta "Você percebeu alguma mudança na forma que interage com colegas que possam ser vítimas de bullying?" na pós-intervenção, a maioria dos participantes do Grupo I indicaram mudança de comportamento, com destaque para ações de Empatia, Ação Protetiva e Ação Corretiva. O que sugere que o grupo desenvolveu um alinhamento emocional mais equilibrado, abandonando respostas mais extremas e indiferentes, como sugerido por Oliveira e colegas (2021). Houve uma redução de respostas relacionadas ao desconhecimento, mostrando um avanço na compreensão das dinâmicas do bullying. Esses dados corroboram estudos de Jenkins (2008), que afirmam que narrativas envolventes promovem maior reflexão e mudanças perceptivas. A contribuição de Ôtsuka (2010) é relevante aqui, ao destacar que narrativas visuais atuam também como "mundos compartilhados", onde os participantes podem construir significados coletivos e reinterpretar suas percepções sobre fenômenos sociais.

O impacto da intervenção no Grupo I também reflete o conceito de internalização de conceitos mediada por ferramentas externas conforme descrito por Piovesan e outros (2018) "Outro aspecto importante na teoria de Vygotsky é a ideia de mediação. As relações sociais dos seres humanos são mediadas por

instrumentos e símbolos desenvolvidos culturalmente pelo próprio homem.”, evidenciando que o filme possivelmente facilitou a construção de novos significados e o desenvolvimento de comportamentos pró-sociais por meio de interações simbólicas. A menor parte dos participantes relataram Nenhuma Mudança Percebida, sugerindo estabilidade em comportamentos empáticos pré-existentes.

O Grupo II apresentou resultados semelhantes, com menos da metade dos participantes indicando Mudança de Comportamento, associada à Empatia e Reflexão. No entanto, a mesma quantidade também relatou Nenhuma Mudança Percebida, enquanto um indicou Desconhecimento. Esse achado reflete barreiras no engajamento emocional e na transformação comportamental, destacando o impacto mais restrito da cartilha educativa em comparação à animação.

Os dados mostram uma leve presença de Reação Agressiva, destacando um desconforto maior frente ao problema. Essa comparação destaca que, enquanto o Grupo I reduziu algumas de suas respostas emocionais intensas, o Grupo II manteve o foco nas consequências emocionais do bullying, não conseguindo internalizar completamente a necessidade de ações empáticas frente a essas situações, refletindo o impacto limitado da cartilha em promover mudanças perceptivas mais amplas (Oliveira. e colegas, 2018). Essa interpretação dos dados vai ao encontro da ideia de que mudanças comportamentais significativas requerem intervenções mais profundas e dinâmicas (Francisco e Coimbra, 2015).

Por fim, ao serem questionados sobre "Como você acredita que a escola pode melhorar suas práticas para lidar com o bullying?", a categoria Educação Preventiva foi predominante em ambos os grupos, sugerindo um consenso sobre a importância de estratégias como palestras, cartazes e dinâmicas. Contudo, o Grupo II também destacou a Repressão e Segurança/Prevenção, enquanto o Grupo I apresentou uma maior diversidade nas respostas, incluindo Intervenção Psicológica, Estabelecimento de Regras, Capacitação Escolar e Mediação. A valorização de abordagens educativas e integradas no Grupo I reflete o impacto de uma intervenção que promove empatia e suporte emocional, enquanto o Grupo II demonstrou maior foco em medidas disciplinares e estruturais, como destacado por Zanelatto (2019).

Esses resultados mostram que, no pós-intervenção, o Grupo I passou a valorizar uma abordagem educativa integrada com suporte emocional e medidas disciplinares, enquanto o Grupo II demonstrou buscar um equilíbrio entre conscientização e controle disciplinar, com foco na prevenção. Essas diferenças podem ser explicadas pela abordagem mais holística do Grupo I, que foi mais impactado pela intervenção, ampliando suas ideias sobre formas de lidar com o bullying, e a abordagem mais focada em controle e prevenção observada no Grupo II, que reflete uma postura mais tradicional e punitiva. Francisco e Coimbra (2015) também indicam que, enquanto as intervenções educativas são eficazes para sensibilizar e ampliar a compreensão do bullying, ainda há resistência a abordagens mais integradas nas práticas escolares, que muitas vezes são vistas como menos imediatas e eficazes do que a repressão direta. Essa diferença reflete perspectivas complementares que podem ser integradas para desenvolver políticas escolares mais eficazes.

CONCLUSÃO

Este estudo buscou investigar as mudanças nas percepções sobre bullying e inclusão escolar entre adolescentes ao comparar o impacto da animação *A Voz do Silêncio*® com o uso de uma cartilha educativa. Os resultados indicaram que ambas

as intervenções potencialmente eficazes em promover reflexões sobre o tema, mas apresentaram diferenças quanto à profundidade do impacto gerado.

A animação demonstrou um efeito mais envolvente e transformador, incentivando mudanças perceptivas e comportamentais mais evidentes nos participantes. Essa abordagem audiovisual se mostrou eficaz em ampliar a empatia e o entendimento das dinâmicas complexas do bullying, devido ao seu apelo emocional e narrativo. Por outro lado, a cartilha educativa reforçou o conhecimento prévio e ofereceu uma base estruturada sobre o tema, mas teve impacto limitado na promoção de mudanças emocionais ou comportamentais.

Esses achados corroboram teorias que enfatizam a importância de ferramentas culturais, como narrativas audiovisuais, na mediação do aprendizado e na internalização de valores. No entanto, também destacam o potencial complementar de materiais escritos, como a cartilha, especialmente em contextos que demandam informações técnicas e estruturação conceitual.

Apesar das contribuições relevantes, este estudo apresenta algumas limitações que devem ser consideradas. Primeiramente, o número reduzido de participantes (n=18) e de questões pode limitar a generalização dos resultados, especialmente considerando as diferenças individuais e contextuais entre os adolescentes. Além disso, a amostragem por conveniência, baseada na disponibilidade dos participantes e na aprovação dos responsáveis, pode ter restringido a diversidade das perspectivas analisadas. Outro aspecto a ser destacado é o tempo limitado das intervenções, que pode não ter sido suficiente para observar mudanças mais profundas nas percepções e comportamentos relacionados ao bullying. Essas limitações reforçam a necessidade de futuras pesquisas com amostras maiores, metodologias complementares e maior tempo de aplicação das intervenções para validar e expandir os achados obtidos. Por fim, por tratar-se de um estudo qualitativo, sugere-se a realização de pesquisas com medidas validadas de percepção do bullying para triangulação dos dados.

Portanto, recomenda-se que intervenções psicoeducativas no ambiente escolar combinem métodos que aliem o impacto emocional das narrativas audiovisuais à clareza informativa de materiais escritos. Essa integração pode promover um aprendizado mais completo e duradouro, atendendo tanto ao aspecto cognitivo quanto ao emocional dos adolescentes.

Este estudo contribui para a discussão sobre estratégias educativas no combate ao bullying, oferecendo subsídios para práticas escolares mais inclusivas e eficazes. Futuras pesquisas podem explorar a aplicação de intervenções híbridas em diferentes contextos escolares, avaliando seu impacto longitudinal e considerando variáveis como gênero, idade e histórico de envolvimento em situações de bullying.

REFERÊNCIA:

ALVES, Gabriela Costa; PERES, Fabiani Solis; SILVA, Catherine Menegaldi; FRIEDRICH, J. Juliana de Castro Prado; ZUCCO, João Vitor Galbiati; MACUCH, Regiane da Silva; GROSSI-MILANI, Rute. **Psicoeducação em contextos de saúde mental: uma revisão sistemática**. Arquivos de Ciências da Saúde da UNIPAR, Umuarama, v. 28, n. 1, p. 577-592, 2024. DOI: 10.25110/arqsaude.v28i1.2024-10906.

ANTUNES, Mitsuko Aparecida Makino. **Psicologia Escolar e Educacional: história, compromissos e perspectivas.** Psicologia Escolar e Educacional, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 469-475, jul./dez. 2008.

A Voz do Silêncio ® [filme]. Direção: Naoko Yamada. Roteiro: Reiko Yoshida. Japão: Kyoto Animation, 2016.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo.** São Paulo: Edições 70, 2016.

BARBOSA, Deborah Rosária; SOUZA, Marilene Proença Rebello. Psicologia Educacional ou Escolar? *In*: MEIRA, M. E. M.; ANTUNES, M. A. M. (Orgs.). **Psicologia e educação: desafios teóricos-práticos.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011. p. 15-30.

BRASIL. **Cartilha: Escola segura.** Brasília, DF: Ministério da Educação, 2022. Disponível em:

https://www.gov.br/mec/pt-br/centrais-deconteudo/publicacoes/cartilha_escola_segura.pdf. Acesso em: 13 out. 2024.

BRASIL. Lei n. 14.811, de 10 de janeiro de 2024. **Altera o Código Penal para incluir o bullying e o cyberbullying.** Diário Oficial da União, seção 1, Brasília, DF, 10 jan. 2024. Disponível em:

<https://www12.senado.leg.br/radio/1/noticia/2024/01/15/e-sancionada-lei-que-inclui-bullying-e-cyberbullying-no-codigo-penal>. Acesso em: 04 set. 2024.

BRASIL DE FATO. **Registros de bullying e cyberbullying atingem recorde histórico no Brasil.** 24 jan. 2024. Disponível em:

<https://www.brasildefato.com.br/2024/01/24/registros-de-bullying-e-cyberbullying-atingem-recorde-historico-no-brasil>. Acesso em: 13 out. 2024.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA (BRASIL). **Referências técnicas para atuação de psicólogos(os) na educação básica.** 2. ed. Brasília: CFP, 2019.

CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA DO RIO GRANDE DO SUL. **Psicologia na educação: Saberes e fazeres.** Comissão Organizadora: ZANELATTO, Elisângela Mara (Coord.); COUREL, Simone Fragoso (Coord.); LUCIANO, Mateus Pavei (Org.). Porto Alegre: Conselho Regional de Psicologia do Rio Grande do Sul, 2019.

COSTA, José Fernando; MIRANDA, Maria Paula. **Terapia cognitivo-comportamental para adolescentes: Práticas e intervenções.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2020.

CRESWELL, John W.; CLARK, Vicki L. P. **Pesquisa de métodos mistos.** 2. ed. Porto Alegre: Penso, 2017.

FORUM Brasileiro de Segurança Pública. **17º Anuário Brasileiro de Segurança Pública.** [livro eletrônico]. São Paulo: FBSP, 2023.

FRANCISCO, Marcos Vinicius; COIMBRA, Renata Maria. **Análise do bullying escolar sob o enfoque da psicologia histórico-cultural**. Estudos de Psicologia, v. 20, n. 3, p. 184-195, 2015. DOI: 10.5935/1678-4669.20150020.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2008.

NEUFELD, Carmem Beatriz. **Terapia cognitivo-comportamental para adolescentes: Uma perspectiva transdiagnóstica e desenvolvimental**. Porto Alegre: Artmed, 2017.

NEVES, Rita de Araújo; DAMIANI, Magda Floriana. **Vygotsky e as teorias da aprendizagem**. UNIrevista, Pelotas, v. 1, n. 2, p. 1-10, abr. 2006.

OIMA, Yoshitoki. **A Voz do Silêncio** ®. São Paulo: New POP, 2013-2022.

OLIVEIRA, Polliana Rodrigues de; MENEZES, Marcela Barbosa de; BRITO, Soraia Silva; PINTO, Paula Sanders Pereira. **Psicoeducação das emoções e habilidades sociais: Uma proposta de promoção e prevenção de saúde mental para adolescentes**. Encontro de Extensão, Docência e Iniciação Científica (EEDIC), Salvador, v. 8, 2021.

OLIVEIRA, Wanderlei Abadio de; SILVA, Jorge Luiz da; BRAGA, Iara Falleiros; ROMUALDO, Claudio; CARAVITA, Simona Carla Silvia; SILVA, M. Marta Angélica Iossil. **Modos de explicar o bullying: Análise dimensional das concepções de adolescentes**. Ciência & Saúde Coletiva, 23(3):751-761, 2018. DOI: 10.1590/1413-81232018233.10092016

ÔTSUKA, Eiji. World and variation: The reproduction and consumption of narrative. In: LUNNING, Fred (Ed.). **Mechademia 5: Fanthropologies**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2010. p. 99-116.

PAPALIA, Diane. E.; MARTORELL, Gabriela. **Desenvolvimento humano**. 14. ed. Porto Alegre: AMGH, 2022.

PIOVESAN, Josieli; OTTONELLI, Juliana Cerutti; BORDIN, Jussania Basso; PIOVESAN, Laís. **Psicologia do desenvolvimento e da aprendizagem** [recurso eletrônico] 1. ed. – Santa Maria, RS : UFSM, NTE, 2018. 1 e-book.

SAMPIERI, Rafael; COLLADO, Carmen; LÉVY, Pablo. **Metodologia de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: McGraw-Hill, 2013.

SILVA, Raiane Maria da Conceição. **Cinema e educação: Uma breve análise das animações como recurso pedagógico**. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Pedagogia do Campus Agreste da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE. Caruaru, 2021.

VIANA, Meire Nunes; FRANCISCHINI, Rosângela. **Psicologia Escolar: Que fazer é esse?**. Brasília: Conselho Federal de Psicologia - CFP, 2016.

VYGOTSKY, Lev Semionovitch. **Construção do pensamento e linguagem: As raízes genéticas do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

VYGOTSKY, Lev Semionovitch. **Pensamento e linguagem: Um estudo experimental da formação de conceitos**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

Weschenfelder, Gelson Vanderlei; Fradkin, Chris; Yunes, Maria Angela Mattar. **Super-heróis como Recursos para Promoção de Resiliência em Crianças e Adolescentes**. *Psicologia: Teoria e Pesquisa* Vol. 33, pp. 1-8 doi: <http://dx.doi.org/10.1590/0102.3772e33425>

APÊNDICE A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)**PÁGINA 1 DE 2****Prezado(a) Sr.(a),**

Você está sendo convidado(a) a autorizar a participação de seu(sua) filho(a) na pesquisa de Trabalho de Conclusão de curso de graduação em psicologia, intitulada "A FORMA DA VOZ, Dando Voz às Concepções Sobre Bullying entre Adolescentes, Através da Influência da Animação 'A Voz do Silêncio ®'", que será conduzida pela acadêmica de Psicologia Lisiane Rodrigues da Silva, sob orientação do Prof. Dr. Gibson Juliano Weydmann, ambos vinculados à Universidade La Salle Canoas.

A participação de seu(sua) filho(a) nesta pesquisa é voluntária, e ele(a) tem a liberdade de desistir a qualquer momento, sem que isso gere qualquer prejuízo. Esta pesquisa tem como objetivo investigar as mudanças nas percepções de adolescentes sobre bullying após assistir à animação "A Voz do Silêncio ®" ou trabalhar a cartilha e participar de atividades reflexivas, a fim de comparar a efetividade da animação em comparação a uma cartilha educativa.

Para alcançar esse objetivo, seu(sua) filho(a) será convidado(a) a participar de dois encontros, sendo o primeiro com duas horas e quinze minutos e o segundo de trinta minutos, na Associação Lar Professora Nancy (ALPN) em turno inverso ao escolar onde serão realizadas atividades relacionadas ao tema, contando com preenchimento de questionário ao iniciar o primeiro encontro e outro ao final do segundo, a fim de verificar possíveis mudanças nas percepções sobre bullying. A veracidade das respostas de seu(sua) filho(a) é essencial para a qualidade da pesquisa, e todos os dados coletados serão tratados de forma anônima e confidencial

Não serão feitas perguntas invasivas à privacidade dos participantes, e os riscos são mínimos, relacionados apenas a possíveis desconfortos ao discutir temas delicados como bullying. Será mantido sigilo e privacidade dos participantes em todas as fases da pesquisa. É solicitada sua autorização para a gravação em áudio das atividades, que serão utilizadas exclusivamente para análise na pesquisa.

Todos os procedimentos estão de acordo com a Resolução nº 466 de 12 de dezembro de 2012/CONEP/SECNS/MS. O contato do pesquisador estará disponível para quaisquer esclarecimentos a qualquer momento.

Com relação aos benefícios, participar da pesquisa pode aumentar a conscientização dos adolescentes sobre questões de bullying, ajudando-os a entender melhor essas questões e a desenvolver empatia.

- A. As rodas de conversa e o ambiente de apoio podem proporcionar um espaço seguro para os adolescentes expressarem suas preocupações e sentimentos, promovendo uma sensação de alívio e compreensão.
- B. A experiência pode contribuir para o desenvolvimento pessoal e social dos participantes, ajudando-os a refletir sobre suas próprias experiências e a melhorar suas habilidades de comunicação e empatia.
- C. Os resultados da pesquisa podem informar práticas e políticas que promovam um ambiente escolar mais inclusivo e acolhedor para todos os alunos.

O estudo em questão contém dois tipos de intervenção. Caso uma das intervenções se prove mais eficaz, esta será providenciada gratuitamente para o grupo que não foi exposto à melhor intervenção.

PÁGINA 2 DE 2

Os dados coletados serão utilizados para a construção de artigos científicos e os resultados poderão ser acessados pelos participantes por meio da publicação destes documentos ou através de contato direto com os pesquisadores. Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade La Salle Canoas, que poderá ser contatado em caso de dúvidas, denúncias ou sugestões (e-mail: cep.unilasalle@unilasalle.edu.br telefone: 51 3476.8213). Os participantes não terão despesas ou custos para participar da presente pesquisa. Após concordar com a participação de seu(sua) filho(a), você receberá uma via deste documento. Para acompanhamento da pesquisa entrar em contato com a aluna pesquisadora.

Caso, durante a participação o adolescente necessite de algum tipo de atendimento ou se sinta mal com o conteúdo da pesquisa, você pode entrar em contato conosco através do e-mail gibsonjw6@gmail.com ou imediatamente através do telefone (51) 34768724. Ao entrar em contato nós acolheremos vocês e um acompanhamento será providenciado até que você receba assistência.

Agradecemos sua atenção e colaboração.

Pesquisadores responsáveis:

Lisiane Rodrigues da Silva Aluno Pesquisador, celular 51 982103292, e-mail lisiane.201910119@unilasalle.edu.br

Prof. Dr. Gibson Juliano Weydmann, celular 51 34768724, e-mail gibson.weydmann@unilasalle.edu.br

Canoas, ____ de _____ de 2024.

Responsável Legal

Pesquisador Responsável
Gibson Juliano Weydmann

Aluna Pesquisadora
Lisiane Rodrigues da Silva

CEP UNILASALLE: Horários: Segunda-feira: 09h às 12h Terça-feira: 15h30min às 18h30min Quarta-feira: 16h às 20h Quinta-feira: 09h às 12h Sexta-feira: 13h30 às 18h30min. Local de atendimento: Sala 215. prédio 1.

APÊNDICE B - Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE)**PÁGINA 1 DE 2****Prezado(a),**

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso de graduação em psicologia, intitulada "A FORMA DA VOZ, Dando Voz às Concepções Sobre Bullying entre Adolescentes, Através da Influência da Animação 'A Voz do Silêncio ®'", que será conduzida pela acadêmica de Psicologia Lisiane Rodrigues da Silva, sob orientação do Prof. Dr. Gibson Juliano Weydmann, ambos vinculados à Universidade La Salle Canoas.

Sua participação nesta pesquisa é voluntária, e você tem a liberdade de desistir a qualquer momento, sem que isso gere qualquer prejuízo. Esta pesquisa tem como objetivo investigar as mudanças nas percepções de adolescentes sobre bullying após assistir à animação "A Voz do Silêncio ®" ou trabalhar a cartilha e participar de atividades reflexivas, a fim de comparar a efetividade da animação em comparação a uma cartilha educativa.

Para alcançar esse objetivo, você está sendo convidado(a) a participar de dois encontros, sendo o primeiro com duas horas e quinze minutos e o segundo de trinta minutos, na Associação Lar Professora Nancy (ALPN) em turno inverso ao escolar onde serão realizadas atividades relacionadas ao tema, contando com preenchimento de questionário ao iniciar o primeiro encontro e outro ao final do segundo, a fim de verificar possíveis mudanças nas percepções sobre bullying. A veracidade das respostas é essencial para a qualidade da pesquisa, e todos os dados coletados serão tratados de forma anônima e confidencial

Não serão feitas perguntas invasivas à privacidade dos participantes, e os riscos são mínimos, relacionados apenas a possíveis desconfortos ao discutir temas delicados como bullying. Será mantido sigilo e privacidade dos participantes em todas as fases da pesquisa. É solicitada sua autorização para a gravação em áudio das atividades, que serão utilizadas exclusivamente para análise na pesquisa.

Todos os procedimentos estão de acordo com a Resolução nº 466 de 12 de dezembro de 2012/CONEP/SECNS/MS. O contato do pesquisador estará disponível para quaisquer esclarecimentos a qualquer momento.

Com relação aos benefícios, participar da pesquisa pode aumentar a conscientização dos adolescentes sobre questões de bullying, ajudando-os a entender melhor essas questões e a desenvolver empatia.

- D. As rodas de conversa e o ambiente de apoio podem proporcionar um espaço seguro para os adolescentes expressarem suas preocupações e sentimentos, promovendo uma sensação de alívio e compreensão.
- E. A experiência pode contribuir para o desenvolvimento pessoal e social dos participantes, ajudando-os a refletir sobre suas próprias experiências e a melhorar suas habilidades de comunicação e empatia.
- F. Os resultados da pesquisa podem informar práticas e políticas que promovam um ambiente escolar mais inclusivo e acolhedor para todos os alunos.

O estudo em questão contém dois tipos de intervenção. Caso uma das intervenções se prove mais eficaz, esta será providenciada gratuitamente para o grupo que não foi exposto à melhor intervenção.

Os dados coletados serão utilizados para a construção de artigos científicos e os resultados poderão ser acessados pelos participantes por meio da publicação destes documentos ou através de contato direto com os pesquisadores. Esta

PÁGINA 2 DE 3

pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade La Salle Canoas, que poderá ser contatado em caso de dúvidas, denúncias ou sugestões (e-mail: cep.unilasalle@unilasalle.edu.br telefone: 51 3476.8213). Os participantes não terão despesas ou custos para participar da presente pesquisa. Após concordar com a participação você receberá uma via deste documento. Para acompanhamento da pesquisa entrar em contato com a aluna pesquisadora.

Caso, durante a participação necessite de algum tipo de atendimento ou se sinta mal com o conteúdo da pesquisa, você pode entrar em contato conosco através do e-mail gibsonjw6@gmail.com ou imediatamente através do telefone (51) 34768724. Ao entrar em contato nós acolheremos vocês e um acompanhamento será providenciado até que você receba assistência.

Agradecemos sua atenção e colaboração.

Pesquisadores responsáveis:

Lisiane Rodrigues da Silva Aluno Pesquisador, celular 51 982103292, e-mail lisiane.201910119@unilasalle.edu.br

Prof. Dr. Gibson Juliano Weydmann, celular 51 34768724, e-mail gibson.weydmann@unilasalle.edu.br

Canoas, ____ de _____ de 2024.

Participante

Pesquisador Responsável
Gibson Juliano Weydmann

Aluna Pesquisadora
Lisiane Rodrigues da Silva

CEP UNILASALLE: Horários: Segunda-feira: 09h às 12h Terça-feira: 15h30min às 18h30min Quarta-feira: 16h às 20h Quinta-feira: 09h às 12h Sexta-feira: 13h30 às 18h30min. Local de atendimento: Sala 215. prédio 1.

APÊNDICE C - Questionário I - GRUPO I**1. Nome:****2. Idade:****3. Ano escolar:****4. Sexo:****5. O que você entende como bullying?**

6. Como você se sente quando ouve falar de casos de bullying na escola?

Gostaria de deixar algum comentário?

APÊNDICE E - Questionário I - GRUPO II**1. Nome:****2. Idade:****3. Ano escolar:****4. Sexo:****5. O que você entende como bullying?**

6. Como você se sente quando ouve falar de casos de bullying na escola?

Gostaria de deixar algum comentário?

APÊNDICE F - Questionário II - GRUPO II

Após ler a cartilha e debater sobre, avalie o impacto em suas percepções sobre bullying:

1. Nome:

2. Como sua percepção sobre o bullying mudou? Como está a sua percepção sobre o tópico do bullying nesse momento?

3. Você percebeu alguma mudança na forma que interage com colegas que possam ser vítimas de bullying? Se sim, descreva.

4. Como você acredita que a escola pode melhorar suas práticas para lidar com o bullying?

5. Gostaria de deixar algum comentário sobre a cartilha?

APÊNDICE G- Cartilha

BULLYING

UM PROBLEMA REAL, NÃO UMA BRINCADEIRA



Autora: Lisiane Rodrigues da Silva
Projeto: Cartilha desenvolvida como parte do
Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) em
Psicologia.

Título do TCC: A FORMA DA VOZ
Dando Voz às Concepções Sobre Bullying
entre Adolescentes, Através da Influência da
Animação 'A Voz do Silêncio'

Orientador: Prof. Dr. Gibson Juliano
Weydmann

Instituição: Universidade La Salle - Unilasalle

Ano: 2024

Este material foi desenvolvido como uma
contribuição ao projeto de pesquisa sobre
bullying e inclusão escolar, abordando
estratégias de prevenção e conscientização
voltadas para adolescentes.

O QUE É BULLYING?

É um comportamento agressivo, intencional e repetitivo, praticado por uma ou mais pessoas com o objetivo de intimidar, agredir ou humilhar alguém.

Pode acontecer de várias formas e em diversos ambientes, mas é especialmente comum nas escolas. Ele envolve uma relação de poder desequilibrada, em que o agressor se aproveita da vulnerabilidade da vítima, seja por características físicas, emocionais, sociais ou culturais

2023
Aumento
50%
Denúncias

2023
120 MIL
REGISTROS DE
BULLYING



o bullying não é uma brincadeira inocente, mas uma realidade séria que impacta profundamente a vida de milhares de crianças e adolescentes, levando a consequências emocionais e físicas que podem durar por toda a vida.

TIPOS DE BULLYING

A diferença entre uma "brincadeira" e bullying está no impacto emocional e no fato de que, no bullying, a vítima não consente com o que está acontecendo e sofre danos psicológicos

Verbal: Insultos, apelidos pejorativos, comentários maldosos ou humilhações, usados para diminuir a autoestima e envergonhar a vítima.



Físico: Agressões como empurrões, socos, chutes ou qualquer forma de violência física, com a intenção de causar dor ou machucados.

Psicológico: Ameaças, chantagens, intimidações, espalhar rumores ou excluir propositalmente alguém para causar sofrimento emocional. Ignorar, excluir do grupo, espalhar fofocas ou criar situações que façam a vítima se sentir isolada e rejeitada pelos colegas.





Cyberbullying: Versão digital do bullying, usando redes sociais, através de mensagens, postagens anônimas ou montagem de fotos, para humilhar, ameaçar ou intimidar a vítima.

Por mais que o bullying pareça apenas uma fase difícil do convívio social, seus impactos são profundos e podem afetar o desenvolvimento emocional de adolescentes. As vítimas muitas vezes sentem vergonha de relatar o que estão sofrendo, com medo de represálias ou de serem vistas como fracas.



Constância e repetição:

O bullying não é um evento isolado. Acontece de forma contínua e repetida, causando sofrimento frequente à vítima.

Reconhecer e nomear o bullying é o primeiro passo para combatê-lo.

Todos precisam estar atentos para identificar esse comportamento e agir, seja como vítimas, testemunhas ou educadores.





Intencionalidade: Existe uma clara intenção de prejudicar, humilhar ou agredir a vítima. O agressor sabe o que está fazendo e o faz com o objetivo de causar dor.

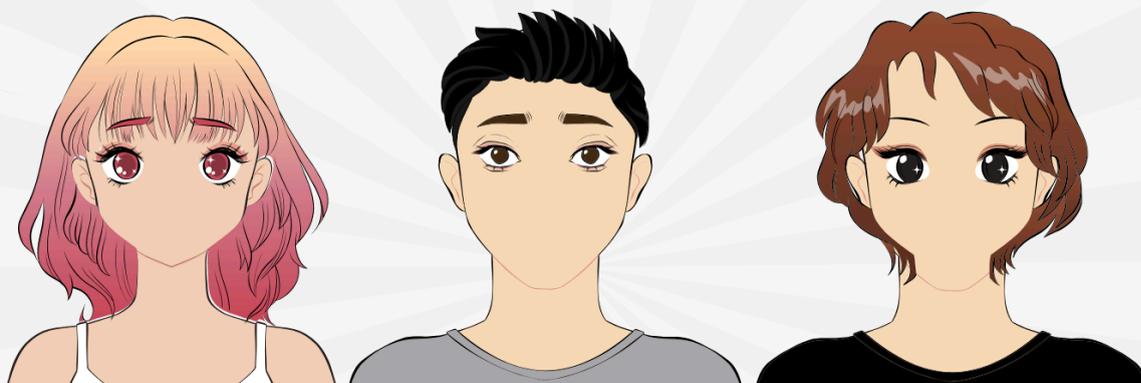
Desequilíbrio de poder: A relação entre agressor e vítima é desigual, com o agressor geralmente sendo mais forte, popular ou influente, enquanto a vítima se sente impotente. Reconhecer e nomear o bullying é o primeiro passo para combatê-lo. Todos precisam estar atentos para identificar esse comportamento e agir, seja como vítimas, testemunhas ou educadores.





QUEM SÃO
OS
ENVOLVIDOS
?

O bullying envolve três grupos principais de pessoas: a vítima, o agressor e as testemunhas. Entender o papel de cada um é essencial para lidar com o problema de forma eficaz.



A Vítima: A vítima de bullying geralmente é alguém que se destaca de alguma forma no grupo. Pode ser por características físicas, como peso, altura, cor de pele, forma de se vestir, ou até por comportamentos, como ser mais tímido ou não seguir certos padrões sociais. As vítimas tendem a ser adolescentes mais reservados, com dificuldade em se defender, o que as torna alvos fáceis para os agressores. Por medo de retaliações, muitas vezes não falam sobre o que estão sofrendo, levando a um ciclo de silêncio que só agrava o problema.



O Agressor: Também conhecido como "bully", pode ser alguém que busca popularidade ou poder social, geralmente tentando se afirmar às custas dos outros. O comportamento agressivo pode ser uma forma de lidar com problemas pessoais ou familiares, como baixa autoestima ou falta de controle emocional. O agressor, muitas vezes, age para impressionar os outros ou por influência do grupo, sendo comum em adolescentes que já têm comportamentos de risco.

As Testemunhas: São os colegas que presenciam as cenas de bullying, mas não interferem. Elas podem ter medo de se tornarem o próximo alvo ou simplesmente não saber como reagir. O papel das testemunhas é crucial, pois o silêncio delas acaba reforçando a agressão. No entanto, ao romperem esse ciclo e denunciarem o que estão vendo, podem ajudar a proteger a vítima e evitar que a situação piore.





O bullying pode gerar efeitos profundos e duradouros para todos os envolvidos – vítimas, agressores e até para aqueles que testemunham. Esses efeitos podem se manifestar em diferentes áreas da vida, como a saúde emocional, social e acadêmica, e podem se estender para a vida adulta.

Para a Vítima

Danos emocionais e psicológicos: A vítima de bullying pode sofrer sérios danos emocionais e psicológicos. No curto prazo, o adolescente pode se sentir isolado, ansioso, com medo de ir à escola e até desenvolver depressão. A baixa autoestima é um dos efeitos mais comuns, pois a vítima começa a acreditar nas palavras e comportamentos agressivos que recebe. Além disso, podem surgir transtornos alimentares, automutilação e, em casos extremos, ideias suicidas.



A longo prazo, as marcas do bullying podem afetar o desenvolvimento emocional e social da vítima. Adolescentes que sofrem bullying têm maior risco de desenvolver transtornos de ansiedade, depressão crônica e dificuldades em formar relacionamentos saudáveis na vida adulta. A vergonha e a humilhação vividas durante a adolescência podem ser carregadas por muitos anos.

Problemas de saúde física: O estresse emocional pode se manifestar em sintomas físicos, como dores de cabeça, insônia, problemas estomacais e falta de apetite. Em casos de bullying físico, a vítima pode sofrer lesões e machucados visíveis.

Desempenho escolar prejudicado: O medo de ir à escola e a dificuldade de concentração afetam diretamente o desempenho acadêmico da vítima, que pode abandonar os estudos ou perder o interesse por atividades que antes apreciava.

Isolamento social: A vítima muitas vezes evita interações sociais por medo de novas agressões. Esse isolamento agrava os danos emocionais, dificultando o estabelecimento de relações saudáveis



Para o Agressor



Comportamento antissocial: Embora muitas vezes o agressor pareça poderoso, ele também sofre as consequências de seus atos. Adolescentes que praticam bullying podem desenvolver comportamentos antissociais, tornando-se adultos com dificuldades de respeitar limites e normas. Eles têm maior propensão a se envolver em crimes, pois não desenvolveram empatia e respeito pelos outros.

Dificuldade de relacionamento: Agressores tendem a ter problemas para estabelecer amizades e relacionamentos baseados no respeito. O controle e a intimidação dos outros prejudicam suas interações sociais.



Consequências legais: Dependendo da gravidade das agressões, o bullying pode configurar crimes, como injúria, difamação, lesão corporal ou ameaça. O agressor pode ser responsabilizado legalmente ou enfrentar punições disciplinares graves, como suspensão ou expulsão da escola.

Estudos mostram que adolescentes agressores têm mais chances de apresentar problemas de comportamento, como envolvimento com drogas, violência e práticas criminosas. A falta de correção do comportamento desde cedo pode gerar um ciclo de violência contínuo na vida adulta.



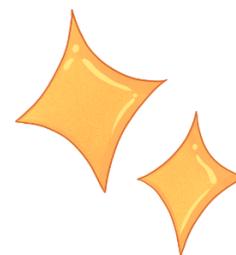
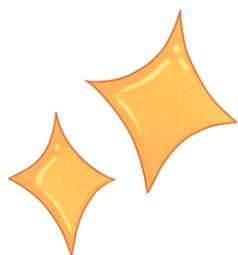
Para as Testemunhas

As testemunhas, mesmo não sendo diretamente envolvidas, também sofrem impactos. Elas podem se sentir culpadas por não intervir, o que prejudica seu desenvolvimento emocional e pode causar problemas de empatia. O medo de se tornarem vítimas as impede de agir, gerando insegurança e sensação de impotência.



Saber como agir diante de uma situação de bullying é essencial para interromper o ciclo de violência. Tanto as vítimas quanto os observadores têm um papel importante para garantir que o bullying não continue.

Se você for a vítima:



Não se isole: O primeiro passo é compartilhar o que está acontecendo. Fale com alguém de confiança, como seus pais, um professor ou um amigo próximo. Buscar ajuda e apoio emocional é fundamental para lidar com a situação.

Busque apoio emocional: Falar com um psicólogo ou conselheiro escolar pode ajudar a lidar com o impacto emocional do bullying, prevenindo efeitos mais graves como depressão ou ansiedade



Mantenha-se seguro: Evite confrontar diretamente o agressor. Afaste-se da situação sempre que possível e busque a presença de colegas ou adultos confiáveis.

Documente os incidentes: Anote detalhes como datas, locais, o que foi dito ou feito e quem estava presente. Esses registros podem ser importantes ao relatar o caso às autoridades escolares ou à justiça.

Se você for um observador:

Se você presencia ou sabe de algum caso de bullying, não ignore. Existem várias formas de ajudar, seja como amigo, colega ou apenas alguém que não concorda com a violência.



Não fique em silêncio: O silêncio muitas vezes é interpretado como aceitação. Se você presenciar uma situação de bullying, informe um adulto de confiança, como um professor ou coordenador, para que eles possam agir.

Apoie a vítima: Mesmo que você não se sinta confortável para enfrentar o agressor diretamente, ofereça apoio à vítima. Fazer a vítima se sentir menos sozinha já é um grande passo, muitas vezes, a vítima de bullying só precisa de uma pessoa que a escute. Aproximar-se, mostrar empatia e oferecer ajuda pode fazer uma grande diferença. Convide a vítima a participar das atividades, estenda a mão e, se possível, informe a um adulto de confiança sobre o que está acontecendo.



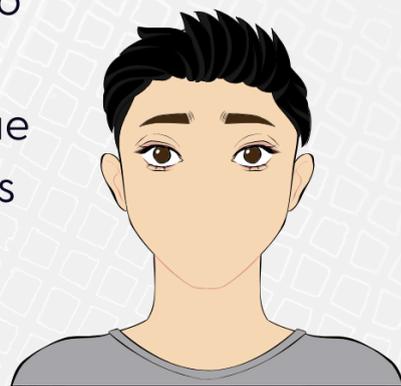
Denuncie: Se você testemunhar um caso de bullying, denuncie imediatamente. Fale com professores, coordenadores ou pais. Escolas têm responsabilidade legal de lidar com esses casos e devem tomar medidas para proteger os alunos.

Crie um Ambiente de Inclusão: A melhor forma de prevenir o bullying é criar um ambiente escolar inclusivo, onde as diferenças são respeitadas e a empatia é valorizada. Participe de campanhas contra o bullying, seja um exemplo positivo para seus colegas e incentive o diálogo sobre o tema.



E se Você Pratica Bullying?

Se você reconhece que já praticou bullying, saiba que ainda há tempo para mudar. O primeiro passo é reconhecer o impacto negativo que suas ações têm sobre os outros. As razões para o comportamento agressivo podem estar ligadas a sentimentos de frustração ou necessidade de aceitação, mas essas atitudes podem ser transformadas.

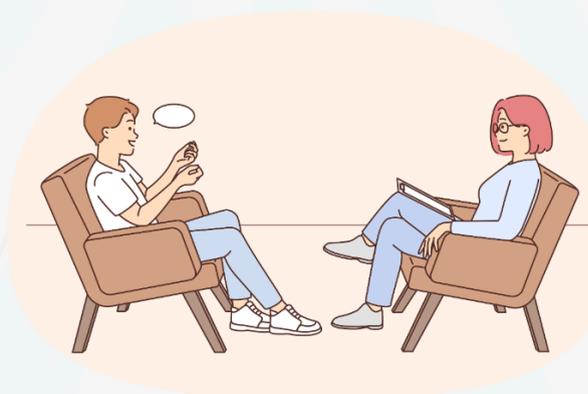


O que você pode fazer: Pare imediatamente e reflita: Quando perceber que está sendo agressivo, interrompa a ação. Pense no impacto das suas palavras ou atitudes. Pergunte-se: "Eu gostaria de ser tratado assim?". Coloque-se no lugar do outro. Pense em como a vítima se sente ao ser humilhada ou intimidada. Desenvolver empatia é essencial para melhorar as relações sociais e evitar atitudes agressivas

Peça desculpas: Se você magoou alguém, peça desculpas sinceras. Assuma a responsabilidade por suas ações e demonstre que está disposto a mudar.



Procure Ajuda: Muitas vezes, o agressor não percebe o quanto suas ações afetam os outros. Se sentir dificuldade em controlar suas atitudes, procurar ajuda de um **psicólogo** escolar ou falar com um orientador pode ajudar você a entender os motivos por trás do seu comportamento e encontrar maneiras mais saudáveis de lidar com as emoções.





**DICAS DE
PREVENÇÃO
AO
BULLYING:**

A prevenção do bullying começa com as atitudes diárias de cada aluno. Ao se comprometer com respeito, empatia e apoio mútuo, você pode transformar sua escola em um ambiente mais seguro e acolhedor.

Pratique o respeito diário: Trate todos com respeito, evitando fazer comentários ofensivos ou apelidos maldosos, mesmo que pareçam brincadeiras. Pequenas atitudes diárias de respeito ajudam a construir um ambiente positivo.



Seja inclusivo: Inclua colegas que parecem isolados ou excluídos. Convidar alguém para uma atividade em grupo pode prevenir o isolamento e diminuir as chances de bullying.

Converse sobre o problema: Falar sobre bullying com seus amigos e colegas ajuda a conscientizar e incentivar atitudes respeitadas. Discutir o tema abertamente mostra que o bullying não é tolerado.

Refleta sobre suas atitudes: Antes de agir ou falar algo que possa machucar alguém, pense nas consequências. Evitar comentários preconceituosos ou atitudes agressivas já é uma forma eficaz de prevenir o bullying.



Se você está sofrendo bullying ou conhece alguém que está, existem vários recursos disponíveis para buscar ajuda:

Na Escola: Procure um professor, coordenador ou o psicólogo da escola. Eles estão capacitados para lidar com casos de bullying e podem ajudar tanto a vítima quanto o agressor a encontrar soluções.

Ligue para o Disque Direitos Humanos, Disque 100: esse serviço recebe denúncias de violação de direitos humanos, incluindo casos de bullying. A denúncia pode ser anônima, e sua identidade será preservada.

Conselho Tutelar: Se o bullying estiver causando graves danos emocionais ou físicos, o Conselho Tutelar pode ser acionado para garantir os direitos da criança ou adolescente envolvido.



Você, como adolescente, tem um papel crucial no combate ao bullying. O bullying pode parecer algo distante ou até banal para alguns, mas seus efeitos são reais e profundos, prejudicando a saúde mental, o bem-estar e o futuro de muitas pessoas ao seu redor. Seja presencial ou digital, todos nós podemos fazer algo para mudar essa realidade.

Ao longo desta cartilha, você aprendeu a identificar diferentes formas de bullying, como o verbal, físico, psicológico e cyberbullying, e suas graves consequências para todos os envolvidos. No entanto, o mais importante é que você pode fazer a diferença! Quando você escolhe apoiar um colega que está sendo excluído ou intimidado, quando denuncia uma agressão ou quando opta por tratar os outros com respeito e empatia, você está ajudando a criar um ambiente mais saudável e seguro para todos.

Respeito

Não seja espectador passivo. Se você presencia o bullying, seu silêncio pode ser interpretado como apoio ao agressor. Apoiar a vítima, denunciar e promover atitudes positivas entre seus amigos são maneiras de mudar o cenário. Como adolescente, sua voz tem poder – e ela pode ser a chave para encerrar o bullying na sua escola ou no seu grupo.

Lembre-se, ninguém merece ser tratado com desrespeito ou humilhado, seja por ser diferente ou por qualquer outro motivo. Todos nós temos o direito de nos sentir seguros e respeitados, e cabe a você também garantir que isso aconteça.

**O bullying não é brincadeira,
e você pode ser a mudança.**

Referências:

ANTUNES, Mitsuko Aparecida Makino. Psicologia Escolar e Educacional: história, compromissos e perspectivas. *Psicologia Escolar e Educacional*, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 469-475, jul./dez. 2008.

BARBOSA, Deborah Rosária; SOUZA, Marilene Proença Rebello. Psicologia Educacional ou Escolar? In: MEIRA, M. E. M.; ANTUNES, M. A. M. (Orgs.). *Psicologia e educação: desafios teóricos-práticos*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011. p. 15-30.

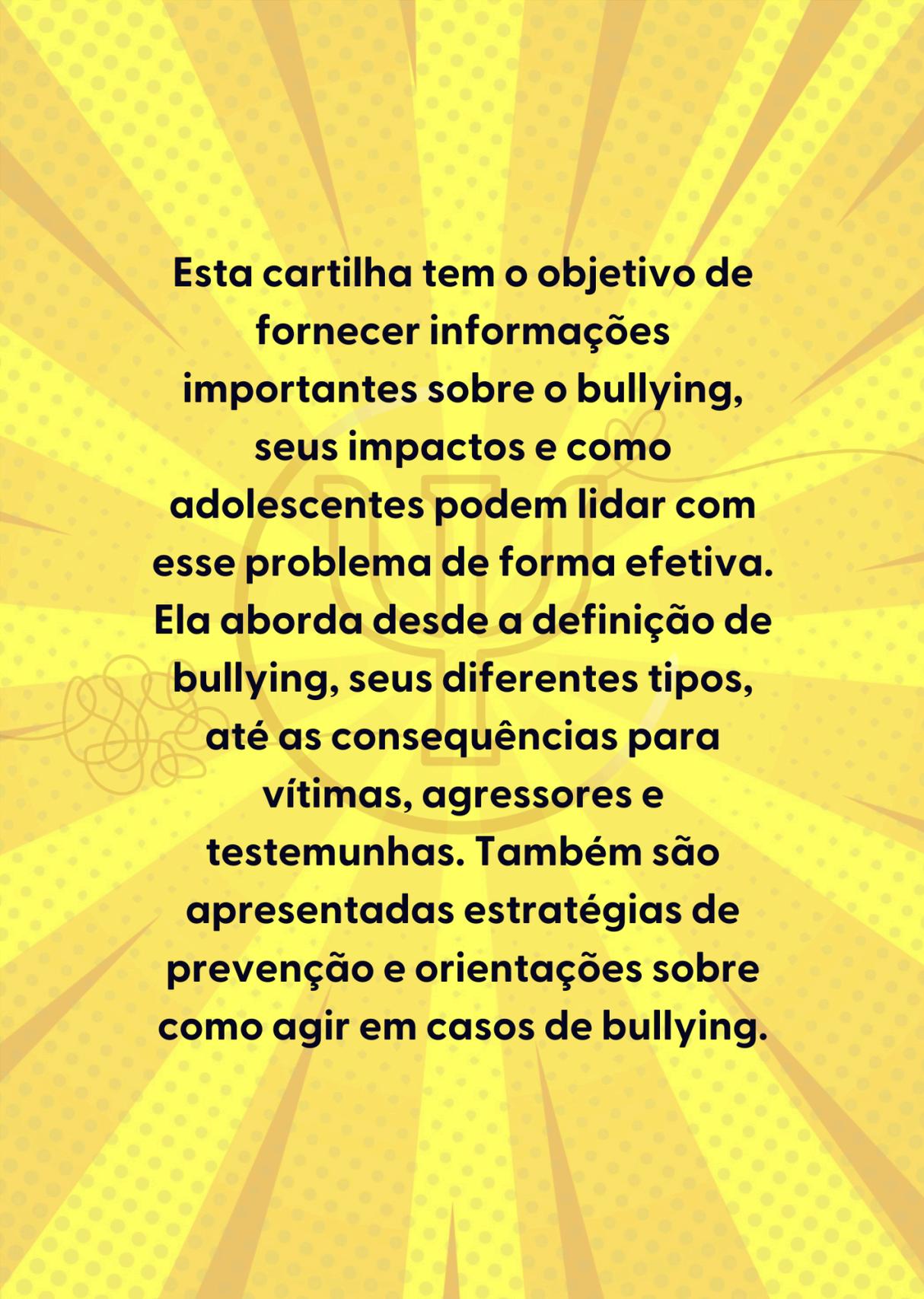
BRASIL. Cartilha: escola segura. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2022. Disponível em: https://www.gov.br/mec/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/cartilha_escola_segura.pdf. Acesso em: 13 out. 2024.

BRASIL. Lei n. 14.811, de 10 de janeiro de 2024. Altera o Código Penal para incluir o bullying e o cyberbullying. *Diário Oficial da União*: seção 1, Brasília, DF, 10 jan. 2024. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/radio/1/noticia/2024/01/15/e-sancionada-lei-que-inclui-bullying-e-cyberbullying-no-codigo-penal>. Acesso em: 04 set. 2024.

BRASIL DE FATO. Registros de bullying e cyberbullying atingem recorde histórico no Brasil. 24 jan. 2024. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2024/01/24/registros-de-bullying-e-cyberbullying-atingem-recorde-historico-no-brasil>. Acesso em: 13 out. 2024.

CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA DO RIO GRANDE DO SUL. *Psicologia na educação: saberes e fazeres*. Comissão Organizadora: ZANELATTO, Elisângela Mara (Coord.); COUREL, Simone Fragoso (Coord.); LUCIANO, Mateus Pavei (Org.). Porto Alegre: Conselho Regional de Psicologia do Rio Grande do Sul, 2019. 34 p.: il.

UOL. Mais de 28 mil escolas enfrentam problemas com bullying, aponta pesquisa. 20 jul. 2023. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2023/07/20/escolas-problemas-bullying.htm#:~:text=Mais%20de%2028%20mil%20escolas,ainda%20n%C3%A3o%20funcionava%20100%25%20presencial>. Acesso em: 13 out. 2024.



Esta cartilha tem o objetivo de fornecer informações importantes sobre o bullying, seus impactos e como adolescentes podem lidar com esse problema de forma efetiva. Ela aborda desde a definição de bullying, seus diferentes tipos, até as consequências para vítimas, agressores e testemunhas. Também são apresentadas estratégias de prevenção e orientações sobre como agir em casos de bullying.